

Carolina Neris

Debaixo do Sol

crônicas de vidas comuns



DEBAIXO DO SOL - CRÔNICAS DE VIDAS COMUNS

Nenhuma parte deste e-book pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito da autora. Todos os direitos reservados para:

Carolina Neris Barbosa - carolneba@gmail.com - @carolneba

Texto: Carolina Neris

Diagramação: Carolina Neris

Capa: Carolina Neris

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barbosa, Carolina Neris
Debaixo do sol [livro eletrônico] : crônicas
de vidas comuns / Carolina Neris Barbosa. --
Maceió, AL : Ed. da Autora, 2021.
PDF

ISBN 978-65-00-24723-7

1. Crônicas brasileiras 2. Jornalismo
3. Mulheres - Relatos 4. Relacionamentos I. Título.

21-68909

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira B869.8

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Este e-book é o resultado do trabalho de conclusão de curso orientado pela professora Dra. Magnólia Rejane Andrade dos Santos para a obtenção do grau no curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas.



DEBAIXO DO SOL

CRÔNICAS DE VIDAS COMUNS

Carol Neris

Índice

PREFÁCIO

“Deus, qual o maior presente do homem para a humanidade? Ser belo de alma e permitir que as pessoas olhem para dentro dessa alma bela”.

Laubach

As coisas comuns me tocam, talvez, porque pela semelhança com a simplicidade da minha vida pareçam me pertencer. Mas esse olhar para as coisas simples e comuns não me foi natural. Uma parte de mim se alimentada me tornaria a mais pragmática das criaturas. Focada só final das coisas, na meta, no objetivo, nunca no caminho. Mas a outra parte aprendeu a ser contemplativa.

Aprendeu mesmo, na marra. E aprendeu, sobretudo, nesses anos na faculdade de jornalismo. Aprendi quando no meio da correria, chegando atrasada quase sempre, por vir direto do trabalho, me permitia parar para contemplar por 10 segundos a minha árvore preferida da Ufal. Quando saía correndo de uma aula de fim tarde a tempo de lancha antes da aula da noite e parava para olhar as flores do caminho. Tem umas flores bonitas perto do bloco de Comunicação Social, sabiam?

Aprendi a prestar atenção na vida das pessoas quando pegava o ônibus lotado para aula da noite. Procurava com os olhos pistas sobre quem ali iria para Ufal também, detalhes numa camisa ou adesivo sobre o curso que faziam, os livros que estavam lendo, ouvia as conversas sobre a faculdade e a vida. Final de período sempre dava vontade de desistir, mas eu olhava pros corpos cansados chacoalhando no ônibus - com o mesmo destino que o meu e pensava: eles estão aguentando. Vou aguentar também. Vou dar tudo que posso. Vamos conseguir. Cada estudante cansado daqueles ônibus, sobretudo às sextas-feiras à noite, me inspirou a continuar mais que qualquer aula.

Foi nesse caminho, tortuoso caminho da graduação, que eu percebi que não era apenas mais uma graduação ou alguma coisa que saberia fazer ao final do curso. Era algo que eu estava me tornando: Jornalista. E o que seria isso, que benefício me daria mudar assim o rumo da vida?

Alguém que conversa sem interromper, que ouve o que não foi dito, que percebe os detalhes, que desconfia, que fareja histórias, que encara o medo e o frio na barriga, que lustra a cara todo dia. Que aprende, aprende muito e sempre. Alguém que conta histórias.

Esse trabalho de conclusão de curso (TCC), para mim, foi isso. Foi o final desse caminho. Eu queria um trabalho que fosse de fato experimental, que fizesse a chegada valer a pena. Que em cada etapa me fizesse lembrar: é isso! É desse jeito! Essas são as coisas bonitas da estrada. E nada mais bonito nesse trajeto, na minha opinião, que aprender, conhecer gente de alma bonita e poder contar suas histórias. Do que poder dizer às pessoas que elas são protagonistas e que suas falas e histórias de vida são extraordinárias e interessantes.

Escolhi essas 12 histórias de 11 pessoas incríveis que nos seus caminhos brilham, resistem, inspiram, vivem, sonham. Eu espero que o comum e o extraordinário de cada uma delas encontre eco na sua vida.

Essa foi a minha chegada ao mundo profissional.

Esse é o tipo de jornalista que eu quero ser.

DEBAIXO DO SOL

“O que foi tornar a ser, o que foi feito se fará novamente; não há nada de novo debaixo do sol”

Eclesiastes 1.9

Estamos ávidos por novidades. A roupa de ontem não serve para hoje, há uma nova tendência. O celular comprado ano passado já está ultrapassado. Esqueça o último meme que viu nas redes sociais, sem dúvida já há outro conteúdo viral, um novo hit, uma nova celebridade, uma notícia de última hora. Queremos o novo, o diferente, o fora da curva, o sucesso, o *glamour* e por vezes, para não dizer sempre, esquecemos de olhar para os detalhes. Há coisas, pequenas e simples, que fazemos todos os dias, repetidamente, do mesmo jeito e sustentam a vida. Chamamos isso de rotina e é incrustada nela que as coisas bonitas se desenvolvem.

Alguém coloca a mesa, lava roupa, leva o filho à escola, vai para o trabalho, pega um ônibus, vai ao médico, imprime uma senha no banco, despacha um documento, cata latinhas. Banal? Corriqueiro? É a vida acontecendo. Todos os dias o sol banha a terra e achamos isso a coisa mais normal do mundo só porque o sol está lá para nós desde sempre e estará lá amanhã do mesmo jeito, mesmo que nós não estejamos.

O sol ilumina a todos e debaixo dele somos todos iguais. É debaixo do sol que as histórias acontecem, trabalhamos enquanto é dia. É na luz do sol que as coisas ganham contorno, profundidade, o sol traz sombra e aquece tudo o que toca. Talvez a grande questão da vida, a grande notícia não seja o que há de novo, mas o que há de sempre. O que se repete, o que vai continuar a existir sempre de novo, de novo e de novo. As histórias se renovam com o sol, sempre iguais — porque humanos — sempre novas. Os comuns que de tão comuns quase não vemos, não nos damos conta que estamos entre eles e que brilham, aquecem, nos mantêm vivos em seus pequenos gestos e detalhes. São como os raios do sol, vemos porque nos clareiam, mas não pensamos neles.

As histórias deste livro se passam debaixo do mesmo sol e à primeira vista, poderiam passar despercebidas. É história de gente que está vivendo a própria vida, fazendo a sua obrigação, mas que de alguma forma ilumina. É história de gente que em algum momento resolveu olhar para o outro também e entendeu que há mais poder nas ações rotineiras do que supomos, que há vida nos detalhes e pequenas ações, que fazer diferença para um é fazer diferença para um mundo inteiro.

Você vai ler um pedacinho da história de onze pessoas com trajetórias diferentes e que poderiam ser sua amiga, irmã, vizinha, professora, a atendente, poderia ser a pessoa que você esbarra na rua. Você pode até ter cruzado com alguma delas e não as ter reconhecido.

Com certeza você já se encontrou com uma delas, talvez não com os nomes que elas têm aqui: Analzira, Mônica, Paula, Katiane, Drika, Sílvia, Maria, Aline, Vaneza, Natasha, Adelaide, Milton. As personagens das suas crônicas diárias podem ter outros nomes, mas você vai reconhecê-las se olhar bem, se fechar os olhos e tentar lembrar da última vez que alguém te fez um favor, te ensinou com amor, resolveu um problema de modo eficiente, inspirou, cuidou, informou. Lembrou? Qual o nome dela? O que ela fez por você? Quem ela é para você?

DEBAIXO DO SOL

Um olhar, uma palavra, uma foto, um pedaço de papel assinado e carimbado, uma notícia, um livro, um agasalho podem ser muito mais do que parecem ser. Podem ter vida dentro deles, mas a gente só vê a vida na luz. A escura correria dos dias nos ofusca as coisas bonitas, os detalhes. Não deixe na sombra as coisas comuns, as pessoas comuns. Há sol para todos e sobre todos, deixe ele brilhar.

A MISSIONÁRIA QUE FICOU

Quem cruza com essa mulher baixinha, de 66 anos, não imagina quanta dor e também quantos milagres seus olhos sóbrios e serenos já viram. O vigor que ela apresenta para palestrar, dar aulas, mobilizar, escrever e pesquisar vem de longe e é fruto de uma vida disciplinada. Autora de três livros, é enfermeira, missionária, teóloga e doutora em Ciências da Religião. Serviu por quase duas décadas em Angola e viveu ao lado do povo angolano nos anos mais difíceis da guerra civil.

Em 1985, quando tinha 30 anos, [Analzira Nascimento](#) desembarcou sozinha em Huambo, segunda maior cidade de Angola, para servir como enfermeira e ajudar a cuidar dos feridos e mutilados da guerra. Foi a convite de um pastor batista angolano para trabalhar na saúde pública. Deixou no Brasil família, amigos e um noivo. No coração, Angola pulsava mais forte.

Sete anos após sua chegada e após duas décadas de guerra civil o país teve eleições livres. Em setembro de 1992, a ONU declarou a eleição justa, porém o grupo opositor UNITA, que saiu derrotado, não aceitou o resultado e deflagrou novos ataques contra o governo. Uma onda de violência varreu o país e os estrangeiros que ainda residiam em Angola saíram desesperadamente. Analzira ficou. A ONU conseguiu negociar um cessar-fogo que durou de novembro de 1992 a janeiro de 1993.

Na manhã do dia 09 de janeiro de 1993, Analzira viu partir o último avião levando estrangeiros e chorou copiosamente no aeroporto, pois sabia que era o último avião, não haveria outro. Mais tarde, no mesmo dia, foi surpreendida pelo som de uma explosão enquanto se dirigia com algumas crianças para igreja, mal conseguiram chegar ao templo que já estava cheio de gente. Lá fora, rajadas de metralhadora e tiros de canhão bem próximos, tanques de guerra, morteiros e ataques aéreos. Havia começado a “Guerra dos 55 dias”.

O templo da Primeira Igreja Batista de Huambo foi o abrigo de Analzira e de centenas de outras pessoas, apesar da estrutura segura, a igreja ficava exatamente no centro dos conflitos. A cidade foi dividida em duas partes: o lado controlado pelo governo e o lado controlado pela UNITA. Quando a guerra estourou, quem estava do lado controlado pelo governo ficou separado dos que estavam do outro lado controlado pela guerrilha. Até as residências eram bombardeadas. **“Ficávamos no chão o tempo todo. Nas tréguas tentávamos cozer algo e nos lavar mais ou menos, fiquei seis dias sem banho. Os bombardeios aéreos eram frequentes. Muitos feridos, cujas casas tinham caído, chegavam à igreja. Tínhamos que improvisar. Uma criança tomou um tiro no pé. A bala perfurou, estraçalhou ossos e nervos. Nós fizemos o curativo com absorvente feminino. Uma grávida deu à luz sozinha na hora do tiroteio e veio para terminarmos o trabalho. A guerrilha começou a pedir comida e água e mandava os feridos para nós cuidarmos. Nunca imaginei como seria estar debaixo de bombardeio aéreo. É horrível, não dá para descrever. Os aviões bombardeando, bombardeando e a gente não suportava”.** A cada bombardeio Analzira cerrava os dentes, tantas foram as bombas e a força com que fechava a boca que ela perdeu quase todos os dentes.

A tensão se intensificou quando a guerrilha avisou que iria bombardear o palácio do governo e não se responsabilizaria pelas pessoas dentro da igreja. Já o governo anunciava no rádio que havia guerrilheiros escondidos nas igrejas e iria bombardeá-las. O pânico foi total **“eu queria ir – sair da igreja — salvar minha vida, mas como enfermeira não podia abandonar os feridos. E como missionária não podia deixar os**

irmãos". Os ataques se fortaleceram e a situação ficou ainda mais caótica, as pessoas gritavam apavoradas, o pastor entrou em colapso e ficava sentado num canto, parado, sem conseguir dizer nada. Analzira teve que fazer coisas para as quais não estava preparada, subiu no púlpito e começou a gritar para chamar atenção, colocou todos para orar, cantar e decorar versículos. Foi a forma que encontrou para que não ficassem pensando na morte e nas bombas lá fora, embora por diversas vezes ela tivesse pensando que não sairia viva dali.

Viu-se forçada a fazer "saques" junto com outros para que pudessem se alimentar, viviam da comida que encontravam em casas que estavam vazias, chegou a ir buscar água debaixo de fogo. Como não era de ferro também colapsou, entrou num choque nervoso e não conseguia comer, ficou pele e osso, não comia de medo. Depois de duas semanas intensas, tiveram de deixar a igreja debaixo de tiros, pois o bombardeio era intenso. Analzira saiu com o último grupo acompanhando um ferido em coma dentro de um carrinho de pedreiro. Uma pessoa segurava o carrinho e outra segurava o soro. Saíram 300 pessoas, mas apenas 50 chegaram ao abrigo. Algumas morreram e outras se dispersaram pelo caminho. **"Na guerra não se é mais dono de si, e menos ainda quando se tem um compromisso de enfermeira ou missionária. Por isso, quisesse ou não, eu não podia mais dizer: 'vou cuidar da minha pele, vou fugir para o mato', porque tenho meu testemunho de missionária. Sou enfermeira e fiz um juramento de cuidar das pessoas. Então fui, e consegui chegar ao abrigo, num bairro mais calmo. Tomamos banho e comemos alguma coisa. Parecia um sonho"**.

Nesse tempo, o líder de Analzira no Brasil havia enviado uma carta exigindo que ela retornasse. Era uma ordem, pois a vida dela estava em perigo. Mas o correio de Angola estava parado e a carta só chegou em 1995. Por mais de um ano a Junta de Missões Mundiais e a família de Analzira não sabiam o que estava acontecendo com ela, chegaram a acionar o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que na época era ministro das Relações Exteriores, para encontrar Analzira em Angola, mas não tiveram notícias e chegaram à conclusão que ela estava morta.

A guerra também é um terreno fértil para falsas notícias. Até em Angola acreditaram que Analzira havia morrido, as pessoas diziam que ela estava morta e que haviam visto seu corpo, seu nome foi parar na lista de mortos da embaixada brasileira. Hoje, Analzira brinca que os "anjos cambalacheiros" desviaram a carta para que ela não precisasse desobedecer. **"mas eu não ia sair de qualquer forma. Eu tinha muitas amigas freiras; nenhuma delas saiu. Por que eu ia sair? Os médicos fugiram. Agora é que iam precisar de mim! Então pedi um sinal para Deus, pedi que ele falasse através dos pastores angolanos. Eles me disseram: 'irmã, os amigos são para as horas difíceis'. Só que eu não estava preparada, pois só conhecia essas 'guerrinhas' de dois ou três dias"**. Meses depois do fim dos bombardeios, Analzira conseguiu enviar, através de um jornalista estrangeiro, um bilhete para a sua família informando que estava viva e bem.

Após um mês, Analzira conseguiu retornar ao seu apartamento e reencontrar a amiga alemã com quem morava e provar que estava viva. Dias depois, recebeu um convite das freiras para ficar num orfanato fora da cidade. Para ela foi um paraíso. Não havia barulho de armas, bombas e aviões. Foi a primeira vez em quarenta dias que conseguiu dormir a noite toda. Ficou lá por 10 dias, depois retornou a Huambo para cuidar dos feridos e retomar os trabalhos.

Analzira viu, ouviu e sentiu coisas horríveis. Amigas que enlouqueceram, pessoas que beberam urina para sobreviver porque não aguentavam mais a fome e a sede, mortos que foram sepultados no quintal de casa, pois o corpo não podia ser transportado até o cemitério, as ruas que cheiravam a carne podre, os cães comiam os cadáveres. Milionários que após a guerra pediam pratos, talheres e roupas. Os hospitais também foram bombardeados, havia feridos apodrecendo vivos **"para fazer alguns curativos é necessário uma mão para espantar as moscas e a outra para limpar o ferimento. Os feridos cheiram a carne podre. Muitas fraturas expostas, nervos à vista, músculos também. E estavam cheios de bicho"**. Relata Analzira em um dos trechos do seu diário.

A enfermeira organizou um encontro de várias instituições religiosas para pedir ajuda às organizações humanitárias internacionais. A Cruz Vermelha estimava que na época, havia 35 mil amputados em Angola

por causa das minas terrestres. Com a chegada de alguns médicos começaram as cirurgias, muitas de amputação. Inúmeras vezes Analzira pagou do próprio bolso enfermeiro, anestesista e remédios no mercado paralelo para salvar a vida daqueles que estavam aguardando cirurgia.

Depois de meses vendo apenas sangue, morte e destruição, ela conseguiu voltar para o Brasil, em 24 de junho de 1993. **“Assinei um papel da Cruz Vermelha Internacional dizendo que eu saia por livre e espontânea vontade do Huambo e que era refugiada de guerra. Foi um dos momentos mais emocionantes da minha vida”**. No Brasil foi calorosamente recepcionada, porém ainda em choque, nem chorava. **“Minha maior dificuldade era superar o sentimento de apatia total, me sentia um ET. Queria apenas fugir, ver filmes, vitrines, assim não precisava pensar no que estava acontecendo. Quando pensava parecia que ia ficar louca e nunca mais ia aterrissar. Era uma ausência total de sentimentos. Não sentia alegria, tristeza, não chorava, não tinha fome, sono, sede, nada”**. A primeira emoção que sentiu, semanas depois, foi durante um congresso em que foi convidada para contar suas experiências e ao ouvir o hino nacional brasileiro percebeu pela primeira vez que estava viva, de volta, com os seus queridos.

Recuperada, Analzira decidiu voltar para Angola e serviu aos angolanos por mais 10 anos. Ficou com eles não apenas no período mais difícil da guerra, mas voltou para ajudar a reconstruir o país. Trabalhou incansavelmente. Reconstruiu o seminário que se tornou a parte mais bonita da cidade, construiu espaços de lazer, lanchonete e sorveteria, mobilizou doações incalculáveis. Fez coisas das quais todos no Brasil e em Angola duvidariam que uma mulher estrangeira, franzina e sozinha conseguiria.

A coragem de Analzira e sua solidariedade no dia a dia com o povo angolano a deixou conhecida como “a missionária que ficou”, pois a exceção de algumas freiras, todos foram embora quando o conflito engrossou.

Analzira realmente ficou e não apenas nos 17 anos em que viveu no solo angolano. Ficou em tudo que renunciou para estar ali, nos amores que deixou para trás e rejeitou porque seu foco maior era estar e viver para Huambo. Ficou nos melhores anos de vigor que dedicou a cuidar dos feridos de corpo e de alma, nos filhos do coração que incentivou a estudar, nas paredes do seminário que ajudou a erguer em cima dos escombros de uma abandonada fábrica de sabão, nas toneladas de doação que angariou. Ficou nos grandes feitos e também nas dificuldades do dia a dia, nos curativos e partos feitos, nas aulas, nas amizades, nas conversas, nos olhares. Anazilra ficou em Angola mesmo depois de voltar definitivamente para o Brasil. Ficou, pois lá viveu intensamente e quem vive sempre deixa muito de si.



Formatura dos seminaristas em Huambo



Prédio do seminário



Analizira com os pastores angolanos

“Na guerra não se é mais dono de si, ainda mais quando se tem um compromisso de enfermeira ou missionária. Por isso, quisesse ou não, eu não podia mais dizer: ‘vou cuidar da minha pele, vou para o mato’, porque tenho meu testemunho de missionária. Sou enfermeira e fiz um juramento de cuidar das pessoas.”

Analzira Nascimento



A ALEGRIA DA LINHA 039

“Bom dia, moça bonita”, “Bom dia, meu patrão”, “Vamos pra mais um dia com a graça de Deus”, “tem moedinha pra ajudar a veinha?” geralmente essas são as frases que abrem a viagem da linha 039 todas as manhãs de segunda à sexta e excepcionalmente aos sábados. O ônibus “Cleto Marques Luz” sai do terminal, que é um ponto só, na parte de alta de Maceió com destino ao centro da cidade, seguindo reto toda vida pela Av. Dário Marsiglia — vulgo corredor do Cleto — e depois pela Durval de Góes Monteiro. Mas para ouvir algumas dessas frases você tem que pegar o ônibus cedo e ter a sorte de encontrar a Drika. Não há um passageiro assíduo da linha 039 que não a conheça, a cobradora mais famosa da Real Alagoas.

Drika veio do interior de Alagoas. De São José da Lage e sempre que pode — tem férias ou folga perto do final de semana — pega a van e “despenca pra Lage” para ver sua “veinha”, levar uns mimos e fazer churrasquinho com a família. Suponho que trabalhe como cobradora há 10 anos. Pelo menos esse é o tempo que tenho memória dela ocupando a cadeira alta. É casada, tem um filho pré-adolescente. Estuda à noite. É cristã. Vive arregaçando a manga do uniforme e regularmente retoca o cabelo loiro, sempre preso num mini rabo de cavalo, para os fios brancos não aparecerem. Dorme cedo porque acorda sempre de madrugada, bem antes das 5h da manhã. Se o motorista do dia for colega, passa em frente à casa dela e dá carona para a garagem.

Tudo o que eu sei sobre a Drika aprendi dentro desse ônibus, informalmente, sem entrevista e horário marcado. Só o nosso horário de bate-papo de todo dia às 6h28 ou 7h43. Escolhi fazer assim, porque tudo o que ela sabe da gente aprendeu desse mesmo jeito. Indo e voltando. Levando e trazendo a gente — como ela sempre fala: **acordo cedo pra levar vocês pro trabalho — todo santo dia.**

Foi assim que ela descobriu onde cada um trabalha, o nome dos filhos e a idade que as crianças têm, se a família vai bem. É no trajeto que ela grava nossos nomes, nosso rosto. E sente falta de cada um. “**Oh moça bonita, tava sentindo sua falta.**” “**Cadê o neném, mãezinha? Tá o quê? Com dois anos?**” “**Você tava de férias né? Desconfie logo.**” “**Cadê você que não pegou o ônibus ontem? Me abandonou foi?**”

Drika tem fãs e tem *haters*. Há quem torça a cara e reclame que ela fala demais. E de fato, com a Drika não há minuto silêncio na viagem, mas tem muita risada também. Ela não fala sozinha. Todo dia tem alguém que fica ao lado da catraca para colocar a conversa em dia, há quem dispute as cadeiras que ficam ao lado da cadeira do cobrador. Reza a lenda que até já ligaram para Real Alagoas, empresa de ônibus em que ela trabalha, para reclamar da “cobradora que fala demais” e do outro lado da linha alguém respondeu: essa aí não tem jeito. E há os apaixonados pela Drikinha. Ela ganha bolo, confeito, paçoca e outros mimos que vez ou outra um passageiro traz. Se algum desavisado reclama que ela fala demais, logo algum passageiro sai em defesa e manda a pessoa se calar.

Ela é prestativa. Sempre pega as nossas bolsas, mochilas e sacolas. Pede ao motorista para abrir a porta do meio. Perdoa as moedas faltando e sempre acerta o troco. Nunca me esqueço da cena de um senhor envergonhado porque faltavam 10 centavos na passagem e ela disse “**o senhor não deve nada! Pode passar na catraca.**” Pode parecer pouco, mas só quem já foi barrado na frente de um monte de gente no ônibus sabe o constrangimento de não ter as moedas para inteirar a passagem.

Desde que eu “pego” o Cleto Marques - Centro, e ando nessa linha desde criança, nunca vi a Drika triste. Nunca. Nunca faltou um “**bom dia, moça linda!**”, “**Bom dia, minha gente. Vamos pra mais um dia com**

a graça de Deus”. **“Olha ela, olha ele”** **“Tá boinha minha fia?”**. Ela deve ter seus problemas. Todos temos. Mas isso nunca foi motivo para desânimo dentro do coletivo. Mesmo quando dorme mal de noite, mesmo quando o filho adoece, mesmo quando teve que estudar até mais tarde por causa do trabalho da escola. Quando ela sai de férias, nossas viagens diárias ficam vazias.

Sabe o que é interessante? Eu ando de ônibus desde sempre. A linha 039 é a principal que eu uso para ir a quase todos os lugares de Maceió. Já vi centenas de cobradores em minha vida. Alguns são rostos repetidos, mas eu só sei o nome da Drika. A única que me arranca um sorriso largo de manhã ou em qualquer outra hora do dia é a Drika. A “cobradora do Cleto” é a Drika.

Infelizmente, em breve, os cobradores de ônibus deixarão de existir em Maceió. Cerca de 30% da frota de ônibus já circula apenas com cartão. É um projeto em andamento e aparentemente sem volta. Eu penso que quem imagina que o cobrador de ônibus só passa troco não anda de ônibus e não conhece a Drika. Mas mesmo quando em todos os ônibus a cadeira alta estiver vazia eu vou olhar e pensar na Drika e na gratidão de ter uma pessoa tão bacana por tantos anos em praticamente todas as manhãs da minha vida.

A linha 039 atrasa, a alegria da Drika nunca!

AGÊNCIA DO INTERIOR

Banco para muitos, senão para a maioria, é sinônimo de burocracia. Senha, pendência, boleto, fila, depósito, transferência, saque, crédito, empréstimo, financiamento. Depois do advento do *internet banking* quem não dá graças a Deus de não precisar colocar os pés numa agência para resolver a maioria dos problemas? Acontece que a agência bancária não é lugar só de burocracia e demora, mas também é lugar de encontro e oportunidades. Elas também não são iguais, nas cidades do interior as agências têm outro ritmo e personagens bem diferentes da capital.

Bancária há 17 anos, destes 10 anos em banco privado e 7 anos na Caixa Econômica Federal, **Katiane Oliveira da Silva** conheceu de perto os extremos financeiros e descobriu como o banco pode ser um local que marca a vida das pessoas e que camuflado pela rotina de uma agência há detalhes que contam muitas histórias. Foi nomeada em 2014 como funcionária da Caixa faltando 14 dias para expirar o prazo do seu concurso. Ingressou na fase de expansão do banco devido ao avanço dos programas “Minha Casa, Minha Vida” e do Microcrédito.

Deixou a capital alagoana para trabalhar em uma das cidades do interior banhada pelo São Francisco que atendia mais 9 municípios que não tem nenhuma agência da Caixa Econômica. O choque foi imenso para quem vinha de um banco elitizado, com clientes de uma renda mais alta, um público totalmente diferente, nenhum cliente fazia uma poupança com menos de 500 reais. Na Caixa a história era outra. O público atendido era o do Bolsa Família, a pessoa que não tinha um real para colocar na poupança, mas precisava abrir uma poupança para receber o DPVAT, quem precisava comprar uma casa, mas não tinha condição nenhuma e precisava de um subsídio do governo federal através do “Minha Casa, Minha Vida”. Katiane se deparou com clientes que não sabiam assinar o próprio nome, que não faziam ideia de como acessar os benefícios sociais e que muitas vezes não conseguiam ser atendidos.

As pessoas vinham de outras cidades, às vezes andavam quilômetros, às vezes vinham de van, sem dinheiro para pagar o transporte, contando que ao receber o bolsa família na Caixa iriam ter dinheiro para pagar o motorista e voltar. Alguns atravessavam o Rio São Francisco quando a agência de Neópolis tinha algum problema. Atravessavam de balsa, sem o dinheiro para pagar, na confiança de sacar o benefício e voltar de balsa para Neópolis e quando chegavam a agência o sistema do banco estava fora do ar. Outras vezes as pessoas passavam cinco ou seis horas esperando atendimento e no momento que a ficha dela seria chamada o sistema caía. Não era desculpa, o suporte tecnológico é ruim, oscila, deixa na mão. Problemas que Katiane não via no banco privado. **“Eu chorava, nos primeiros dias quando eu via essas situações na Caixa Econômica, quando via pessoas que não eram incluídas na sociedade”.**

Um caso em especial mexia com os sentimentos da bancária: uma senhora que repetida e insistidas vezes vinha à agência, mas não era atendida por ser surda. Ninguém na agência falava Libras, ninguém entendia o que ela precisava e ela voltava para casa sem atendimento, mas no dia seguinte estava na agência novamente. Katiane decidiu aprender libras para fazer o atendimento, não se conformava que alguém não pudesse ser atendido. Primeiro, procurou na internet alguns sinais básicos, depois fez o curso online que o próprio banco oferece. Conseguiu realizar o atendimento e descobriu que a surda tinha nome, Eliane, e três filhos. Tudo o que ela queria era cadastrar os três filhos no bolsa família, precisava daquele dinheiro. A gratidão de Eliane

por ser vista e atendida foi tanta, que mesmo com poucas condições, todos os meses quando ia sacar o benefício, sempre levava um presente: um bolo, doces, biscoitos, alguma coisa. Ali na agência Eliane era gente, cidadão com direitos, com pessoas que podiam falar com ela.

Outro momento em que a agência deixa de ser um lugar impessoal é o da conquista da casa própria, quando o sonho de uma vida se materializa. Em Penedo, Katiane também trabalhou na área habitacional **“foi muito massa você ver a emoção das pessoas, o processo é burocrático, dura meses, mas quando sai o financiamento que a pessoa vai lá na agência assinar o contrato, aí é aquele chororô, pede para tirar uma foto com você, você não fez nada, só fez o seu trabalho, mas a pessoa acha que você fez algo além do que era para você fazer. E as pessoas pedem para tirar uma foto com você e é muito massa”**.

Trabalhar em um banco público, sobretudo numa agência do interior, foi uma experiência transformadora. O quanto um agente bancário pode aprender sobre a vida em meio a números, siglas e burocracias? Katiane responde que se pode aprender muito **“trabalhar num banco público e principalmente numa agência de interior é um choque de realidade. Você é forçado a ser mais humano, a ter mais empatia e aprende muito. Não sobre banco, porque meio que sobre banco a gente já sabia, mas sobre o ser humano, sobre as carências que a sociedade tem; sobre a importância dos benefícios sociais que eu não tinha noção. Eu não tinha noção para que que servia um seguro desemprego, como funcionava um PIS, para que existe um FGTS, tudo isso se torna palpável. Antes era uma sigla no nosso contracheque e a partir do momento que você trabalha numa instituição como a Caixa essa sigla começa a ter um sentido de vida”**.

Foi em uma agência do interior que Katiane descobriu que o Banco não é só lugar de transações financeiras e siglas, mas de gente e vivências também. Pode ser uma parte, um capítulo muito importante da vida das pessoas. É lugar de ser gente e não apenas um cifrão ou senha a ser chamada. É lugar de cidadão e não de cliente.

HUMANOS – HERÓIS DE CRACHÁ

Em 2020 nos deparamos com o que até então era inimaginável: uma pandemia. Medo, internações, quarentena, mortes, desemprego, medidas de distanciamento e proteção. O dilema de milhares de brasileiros que se viram na encruzilhada entre colocar comida na mesa e resguardar sua vida e de quem amam. Entre decisões desencontradas e brigas de egos, com atraso, foi liberado o auxílio emergencial para empresas e cidadãos. Mas as coisas não são feitas na magia da palavra, não basta assinatura e decreto para que as coisas se materializem. O caminho para o socorro chegar às pessoas foi longo e tortuoso.

A realidade do usuário a gente conhece, vimos as filas quilométricas, soubemos de todas as inconsistências do sistema da Caixa Econômica Federal, as limitações do aplicativo e que muitos brasileiros não tiveram acesso; mas qual foi a realidade dos agentes bancários que precisaram sair de casa para fazer o dinheiro e as linhas de crédito chegar na mão de quem precisava?

Trabalho, um trabalho incansável. Muitos dias sem direito a tomar água ou ir ao banheiro, porque do lado de fora da agência havia pessoas esperando há horas pelo atendimento. Às vezes sem direito ao almoço. Em Maceió, uma das gerentes da Caixa Econômica Federal não podia sair para almoçar, porque num dia os clientes colocaram fogo no carro dela, para que ela não saísse e o atendimento não fosse interrompido. A revolta de quem em plena pandemia esperava por horas em filas para sacar o benefício. E quem pagou a conta muitas vezes? Os bancários. Alguns foram agredidos, apanharam organizando as filas, foram desrespeitados porque o sistema não funcionava. O trabalho que foi feito no período da pandemia estava muito além da capacidade humana dos funcionários da Caixa. Muitos adoeceram devido à pressão. Katiane foi uma das que adoeceu. De volta à capital alagoana, a agente bancária **Katiane de Oliveira Silva** teve uma experiência difícil e recompensadora durante o período de pagamento do auxílio emergencial.

No setor empresarial foram disponibilizadas algumas linhas de crédito para auxiliar micro e pequenas empresas, mas o setor empresarial da agência da Katiane tinha apenas uma funcionária: Ela. Os pedidos chegavam como enxurrada **“Katiane, se você não liberar eu vou fechar a empresa. Katiane, pelo amor de Deus eu tenho 80 empregados. Katiane meu restaurante tá fechado, minha loja é no shopping e o shopping tá fechado, você precisa liberar esse recurso”**. E era verdade. Ela conhecia cada um desses empresários, suas empresas estavam fechadas, conhecia os funcionários porque tinha feito a conta salário deles. Sabia o nome, o rosto e pensava que eles não podiam ficar sem salário. Começou a absorver tudo isso.

Com sensação de urgência para ajudar as pequenas empresas, socorrer de alguma forma, chegar com o auxílio que elas precisassem antes de fechar, antes que mais pessoas ficassem desempregadas, Katiane fez das tripas coração. Entrou num ritmo frenético de trabalho. Já não dormia à noite devido a preocupação. Trabalhava das 7h da manhã às 7h da noite no *home office*. A burocracia era grande, muita documentação exigida, às vezes o cliente não conseguia mandar no e-mail porque a capacidade da caixa postal da agência é baixa, então mandava para o *whatsapp* ou para o e-mail pessoal, do e-mail pessoal ela imprimia, escaneava e mandava pro e-mail da caixa. Se o cliente não conseguia enviar, liberava para deixar a documentação na

portaria do seu condomínio. Foi além do serviço de bancária. Esse sentimento e atitude foi comum a muitos bancários do setor jurídico. O sentimento de que apesar desses processos terríveis, precisavam ajudar esse dinheiro a chegar nas mãos dos pequenos empresários. E chegou. Mas não chegou para todos.

Numa segunda-feira, com 97 e-mails lotando sua caixa de correio eletrônico, não conseguia atender todo mundo no volume em que as mensagens chegavam porque eram muitos processos — Não era apenas abrir o e-mail, era examinar documentação, analisar, verificar no sistema, anexar. Burocracias — Katiane recebeu um cliente transtornado, desesperado porque havia enviado um e-mail na sexta-feira e ainda não havia obtido resposta. Precisava de respostas que naquele momento Katiane não podia dar. A frustração deu lugar à explosão e humilhação. Dentro da agência Katiane foi agredida verbalmente com palavras de baixo calão. Esse episódio desencadeou uma crise de pânico. A bancária chorou compulsivamente. **“eu tava querendo fazer tudo, eu tava tentando ao máximo, eu tava indo além das minhas forças, eu tava ligando o computador sete da manhã e desligando sete da noite, quando eu deveria cumprir só seis horas”**. Precisou se afastar do trabalho por 15 dias e iniciar o tratamento para ansiedade e crise do pânico com acompanhamento e medicação. Para lidar com a pressão e conseguir dormir **“Tomei alprazolam e rivotril. Quando eu adoeci a agência não tinha ninguém pra colocar no meu lugar. Mas eu fiquei só 15 dias, foi só o tempo de eu conseguir parar de chorar, das crises que eu tava, voltar a dormir pra voltar a fazer o meu trabalho.”**

Depois que o turbilhão passou, Katiane conseguiu entender a dimensão do seu trabalho e do trabalho dos colegas, como eles conseguiram ajudar muitas pessoas. **“principalmente quando você assistiu o jornal e você vê como esse auxílio emergencial fez diferença na vida das pessoas, como pessoas só sobreviveram e só estão vivas hoje por conta desses 600 reais que eu ajudei a chegar na mão do trabalhador, os empréstimos pras empresas que eu consegui liberar”**. A terapia também ajudou a compreender que ela fez tudo o que estava ao seu alcance, **“depois de muita terapia, eu consigo entender que eu fiz o melhor que pude, que eu fiz o que pude. E eu tenho um monte de gente grata e tenho um monte de empresa que diz —oh, eu não fechei porque você ajudou”**.

A Caixa Econômica Federal lançou uma campanha de valorização para esses profissionais que arriscaram a vida durante a pandemia chamada “Heróis de Crachá”. O paralelo é claro entre os profissionais da saúde e verdadeiro. A seu modo, os funcionários também ajudaram a salvar vidas. O reconhecimento é válido, mas herói seria o nome mais apropriado? É lindo ver pessoas que se dedicam no exercício da sua profissão, que entendem o seu papel social. Mas até onde vai o limite de forçar humanos a serem heróis. É normal adoecer e pegar para si a carga, é normal não poder almoçar? É normal não conseguir dormir? O perigo de ser herói de crachá é que ninguém cuida dos heróis. Só se permite cuidado aos seres humanos. Não foi a mulher maravilhosa que sentou na cadeira do psiquiatra, foi a bancária de carne e osso que já não conseguia dormir, que não podia ouvir o telefone tocar sem tremer. É humana, muito humana. Diante do caos, da necessidade, no desespero, na vulnerabilidade, por vezes somos levados a esquecer, milhares esqueceram, que diante e atrás do balcão, do guichê, organizando as filas e usando seus crachás há um ser humano.

Foram heróis? Sim, também, pois num esforço sobre-humano, à custa da segurança e da saúde e a despeito dos sistemas ineficientes fizeram o socorro chegar a 67,9 milhões de cidadãos. Um trabalho hercúleo.

Aos humanos-heróis de crachá agredidos, ofendidos, incompreendidos e até mesmo ignorados, obrigada por fazerem além do que foi solicitado, pelo empenho dedicado. O trabalho de vocês é ainda mais bonito porque foi humanamente realizado.

“Antes era uma sigla no nosso contracheque e a partir do momento em que você trabalha numa instituição como a Caixa a sigla ganha sentido de vida.”

Katiane Oliveira



Rebeka, filha de Katiane, com o crachá da caixa que ela acha chique.



Equipe de atendimento - Caixa - Via Expressa
Maceió- AL



Katiane atendendo um cliente num posto improvisado da caixa no SENAI em Palmeira dos Índios.



ALINE É DOIDA

Aline causa impacto. Quando chega, chega. É uma mulher grande, de fala apaixonada e convicções fortes. Destoa do senso comum. A conheci num congresso vocacional em João Pessoa. Uma mulher preta, de turbante, cores vibrantes e discurso afiado, apoiado numa prática mais afiada ainda. **“onde tem pobreza tem pecado, porque onde tem pobreza tem injustiça”**. Quem é essa mulher e onde ela estava? Foi a pergunta que eu e os outros 600 presentes no auditório nos fizemos.

[Aline Martinells](#) é uma baiana, teóloga, assistente social e doula. Começou sua trajetória de busca por justiça social na cidade de Tanquinho, na região metropolitana de Feira de Santana. A resistência que carrega em si contra o racismo, a religiosidade e a injustiça começou cedo. O primeiro encontro com a sua negritude aconteceu dentro da arte, no teatro amador de Tanquinho. Quando adolescente a inquietude já fervilhava em seu coração. Engajada em todos os movimentos culturais da cidade, aos 16 anos se filiou ao Partido dos Trabalhadores (PT), tamanha era a sua sede de mudança. Aos 19, tomou uma decisão que mudou o rumo de sua vida: aceitou Jesus e passou a congregar na Assembleia de Deus.

Se apaixonou pelo Jesus dos evangelhos e compreendeu muito cedo que o evangelho também se preocupa e ocupa das questões sociais. Era uma crente superconservadora, super fervorosa, mas sempre muito engajada. Saía dos cultos e ia para as reuniões do PT e continuou participando de todos os grupos culturais. Passou no vestibular para pedagogia na Universidade de Feira Santana e também foi aprovada no concurso para professora. Mas abriu mão de ambos para seguir uma paixão louca que pulsava no peito: o campo missionário. Nas cidades do interior por onde passou fez de tudo muito: dava aula na escola bíblica dominical, coordenava o grupo de jovens, participava do programa da rádio, liderava círculo de oração e evangelismo de rua, fundou associação para ensinar música às crianças. Fazia “arruaça”, como ela mesma diz, montava tenda para cortar cabelo de criança, articulava doação, criava curso de informática para os adolescentes. Fazia amizade com o pessoal se oferecendo para ajudar. Aline estava na escola, na delegacia, no CRAS, na associação de artesanato. Movimentava a cidade, estava onde o povo estava. **“Eu sempre entendi que a coisa tinha que chegar integral. Não tinha como chegar a boa notícia e não chegar as outras boas notícias”**.

Mas o caminho não foi só florido, nessa fase Aline encarou as primeiras barreiras impostas pelo machismo. Muito expressiva, alegre, falante, com uma palavra simples e atrativa caiu na graça da cidade e chamava atenção, o que desagradou sua liderança religiosa que era masculina. Passou a ser desafiada a trabalhar em locais mais difíceis, teve que mudar de uma casa segura para uma desprotegida porque a primeira não estava mais “disponível”. **“Morei numa casa tão velha que fedia. Quando chovia molhava tudo e eu só pedia a Deus que não molhasse a minha cama”**. Foi nesse ponto da caminhada que uma amizade inesperada abriu a porta para um novo destino: estudar teologia num instituto da Paraíba. Aline partiu com uma mala de expectativas, dores e esperanças.

O seminário foi um divisor de águas. Uma experiência difícil, mas de encontro e reconhecimento. Foi lá que Aline juntou as indignações e crenças para iniciar um caminho seu, uma alternativa à cartilha já ditada. **“Fui estudar teologia e mergulhei muito, mas a minha pergunta era como que o evangelho pode alcançar tudo? Todos os aspectos da vida humana? Como é que pode ser levada essa notícia? E nessa coisa do seminário eu descobri a teologia da missão integral e abracei. Todos esses anseios tavam aqui em mim e eu queria apagar essa dimensão política da minha vida. Eu queria me convencer de que o negócio todo era religião. Mas eu não me convencia. O que me convencia era o evangelho todo, para todas as pessoas, em todos os lugares”**. Aline agarrou com força uma fé que só é fé em movimento.

Enquanto estava no seminário, passou no vestibular para serviço social e começou a casar tudo com a teologia que tinha abraçado de um reino de justiça, paz e alegria e a perspectiva da missão integral. Compreendeu que a crítica que a maioria faz à igreja não era a igreja, mas a perspectiva teológica. Esse tempo e espaço reforçou sua negritude também **“Foi nesse espaço conservador que eu fui me empretecendo, me entendo mulher. Entendendo que a minha estética destoava muito, não só na fala, mas em tudo. Porque uma coisa é você ser preta e tá ali se branqueando, outra coisa é você ser preta e assumir-se preta”**. Aline passou a usar turbante como um ato político, parou de alisar o cabelo para ficar cacheado, cortou e assumiu os crespos **“As pessoas começaram a perguntar: e o seu cabelo, e o seu cabelo? De um jeito que quando chegou na formatura uma das coordenadoras perguntou: e aí, Aline vai fazer o que no seu cabelo pra formatura? Quer dizer, meu cabelo não cabia no espaço formal. Aí eu disse a ela, tá ligada aquele rasta lá da lagoa? Eu vou lá fazer aquele rasta. Eu só não sei ainda se eu vou fazer de cera de abelha ou de agulha”**.

Foi fazendo o próprio caminho apesar de lidar com as incompreensões. Um caminho muitas vezes solitário em que teve de aprender com os próprios processos, ansiedade, depressão, com o grito rouco de quem parece falar no deserto, mas ainda persiste em falar. Saiu do seminário e foi fazer teologia com a vida. Com posicionamentos (políticos e teológicos) firmes e ação.

Terminou o curso de serviço social e trabalhou por um tempo na cracolândia de João Pessoa. É uma das fundadoras do projeto menino buchudo que articulou a doação de mais de mil cestas básicas para as famílias da comunidade de Boneca no período da pandemia em 2020. Isso sem um “nome”, mas somando e ampliando forças nos lugares de encontro. Ainda na pandemia atuou em parceria com a Rede Mundial de Alimentação, através da Rede Diaconia, auxiliando na distribuição de cestas para quilombos, comunidades, povos indígenas e venezuelanos na Paraíba. **“Nunca ganhei nada com isso, nunca ganhei dinheiro, nunca fiz essa piedade pra me projetar, mas tive reconhecimento local como consequência natural mesmo, comecei a sair nas mídias. Então, essa galera que fala do meu posicionamento político, que fala porque eu corto o cabelo, silencia. Chega ao ponto da galera dizer: Aline, eu não concordo com nada, mas eu te respeito. Por quê? Porque eu não saí do seminário pra ficar arrotando um sermão de 3 pontos. Eu tinha que fazer um sermão que desse conta da vida daquele povo. E aí eu comecei a ser chamada pra dar aula de missão integral, de missões urbanas. Eu saio aqui pelos cantos de João Pessoa dando aula de missão integral e vou muito preta com o meu turbante.”**

“Aline é doida” é uma das frases que ela mais escuta, porém não é a sentença completa. **“Aline é doida, mas quando digo que ela vai pregar lá na igreja, lota”**. **“Aline é doida, mas tem um trabalho importante na comunidade”**. **“Aline é doida, mas tá na cracolândia cuidando do povo”**, **“Aline é doida, mas vive o que fala”**. Contra frutos não há argumentos. Ela destoa, de fato, de grande parte da engrenagem religiosa. Destoa quando insiste em ser preta e não se embranquecer, quando insiste na integralidade do evangelho e em ver um ser humano completo, destoa nos posicionamentos políticos, na insistência na arte, em não seguir a cartilha da maioria.

Aline é doida porque o caminho de liberdade que escolheu traçar é doído e confrontador. É ou não é loucura para nossos padrões decidir olhar o pobre e o necessitado? Ousar falar do racismo, do machismo, das estruturas de opressão? E falar não apenas por si, mas escancarar também que esses são temas do Reino de Deus, um reino de **“paz, amor e justiça”**. E o mais doído é que a loucura dá frutos, o retorno que costuma receber dos alunos é **“Aline, eu fui subindo no meu prédio e tinha uma pessoa sentada na porta, tava em condição de rua. Eu subi e fui preparar minha janta, mas eu não tive paz pra comer sozinha. Voltei, ofereci minha janta e compartilhei. Porque suas aulas ficam no meu juízo reverberando, então eu não tive paz para comer sozinha”**.

Aline é doida? Depende do padrão de sanidade de quem olha. Doido é o título de quem decide desafiar o *status quo*. Quem dera tivéssemos mais loucos empenhados a transtornar dessa forma o mundo.



“Eu saio pelos cantos de João Pessoa dando aula de missão integral e vou muito preta com o meu turbante.”

Aline Martinells

COMBATENTE DE GUERRA

Adelaide ou Dedé para os mais chegados é uma brilhante contadora de histórias. Histórias de todos os tipos, com personagens da vida real, gente de carne e osso. E essa é a sua maneira de combater a guerra. Algumas das principais histórias da imprensa alagoana, na rádio, web ou TV, levaram a assinatura dela na última década. Mas provavelmente você não viu ou soube, porque ela é dos bastidores. Trabalha na costura que sustenta a notícia. Na ronda, na apuração, na busca dos personagens, na marcação da locação e da entrevista. Ela começa a contar a história que o repórter termina.

[Adelaide Nogueira](#) é produtora e por 17 anos trabalhou na organização Arnon de Melo passando por quase todos os setores do jornalismo, desde a estagiária que fazia a ronda e entregava a apuração até ser repórter e produtora. Hoje é diretora e sócia do grupo Acta de Comunicação. Apaixonada pelo rádio comanda a produção da manhã da emissora Nova Brasil.

Sua história parecia estar carimbada no jornalismo desde sempre. Quando completou seis anos, seu pai, o jornalista Ródio Nogueira, publicou no jornal uma crônica em que dizia “Sei que quando for embora desse mundo, deixo aqui essa menina que ajudará a combater a guerra das mais diversas formas”. Ele estava certo. Mas qual é a guerra de Adelaide e por que ela é tão importante? Quando criança ela achava que a guerra era o que via na TV. Quando adolescente, a guerra era um muro que separava as pessoas de um lado e de outro e uns mísseis na guerra do Golfo. Só quando atuou como jornalista entendeu o qual era a sua guerra: **“Lidar com o racismo, lidar com a falta de empatia, escrever sobre alguém que é assassinado com requintes de crueldade por conta da sua opção sexual é uma guerra. Então, quando o jornalismo combate, tá combatendo a guerra, mas eu demorei muito pra entender isso. Eu não entendia a guerra até entender que as pessoas morrem por causa de sua opção sexual, que as pessoas morrem pela sua opção religiosa, que as pessoas são espancadas porque elas não têm a mesma cor de pele da outra pessoa. Isso é uma guerra e é uma guerra muito cruel, porque ela é viva”**.

Foi com o tempo e a experiência que descobriu a sua posição no campo de batalha: a produção. Poderia ser uma infinidade de coisas, mas é no fio da meada da notícia que alinha a mira para acertar os alvos certos e se realiza produzindo reportagens especiais e contando histórias **“a produção me encanta, contar aquela vida dos personagens e depois ver o VT contando aquilo que eu pautei é muito bom. Eu gosto da produção porque eu vou descobrindo as coisas, porque a produção me dá uma vantagem que as outras funções talvez não tenham. Você tem contato com outros lugares e conhece outros jornalistas”**.

Começou no *front* como estagiária de apuração, depois repórter de rádio e web. A primeira produção foi para o “Lapadão de Notícias” da rádio gazeta. Mas o que lhe confirmou seu lugar no jornalismo foi uma experiência como repórter. Num sábado de prêmio de jornalismo estava de plantão quando chegou a notificação de um homicídio na parte alta de Maceió. Na sua mente tudo certo: iria cobrir o homicídio, de lá ia para casa, trocaria de roupa e iria para o prêmio. Chegou ao local, encontrou a cena típica de homicídio — a vítima, que era um jovem, estendido no chão e os policiais ao redor — com o bloquinho na mão foi despejando as perguntas clássicas: qual o nome? Idade? Tem envolvimento com drogas, com o crime? Os policiais

ainda estavam apurando. Fez umas fotos. Tudo no automático. Voltou para o carro de reportagem e quando entrou, viu a mãe do rapaz sentada no meio fio, chorando. A cena lhe desceu rasgando. Não foi mais para o prêmio. Alguma coisa não estava certa com ela. **“eu falei – cara eu tô muito insensível. Eu tô chegando nos lugares e não tô parando para olhar quem tá ao meu redor, eu tô tacando a informação, eu já tô perguntando ao policial se o cara tem envolvimento com drogas, eu não tenho que perguntar isso, eu tenho que perguntar quais são as informações. Eu me senti muito insensível. Caramba, eu tô no limite pra resolver a minha vida, mas tinha a vida de alguém ali. E o filho pode ser o que for, a mãe pode pegar o filho e entregar na delegacia, mas nenhuma mãe quer ver o seu filho morto no meio fio. A gente não quer ver ninguém morto no meio fio. Na segunda pedi pra ficar na redação e voltei pra produção”**.

A guerra da rua, da notícia do dia a dia pode ser muito dura, exige uma dose alta de empatia, mas esse campo de batalha tão minado também é uma escola **“ele me ensina muito pra minha resiliência, minha gratidão. O jornalismo me diz: — você tá aqui pra contar essa história, mas você tá aqui pra aprender que o simples encanta, que as coisas valiosas não valem dinheiro. Pra mim, além disso tudo, o jornalismo ocupa o lugar de formador de opinião e de conseguir ter o discernimento de entender que a minha opinião e a prestação de serviço que eu faço, pra quem busca o Acta ou qualquer outro veículo que eu esteja é minha responsabilidade. O buraco na rua que causa vazamento e alaga a rua é responsabilidade do prefeito, denunciar o buraco é responsabilidade minha. Nós somos a voz dessas pessoas. É preciso que a gente entenda isso. O buraco não é meu problema, mas a moça que cai no buraco todo dia é. Porque eu tenho uma voz que ela não tem”**.

Não desertou de uma das batalhas mais importantes e difíceis que teve que travar: a greve dos jornalistas em junho de 2019. A proposta dos grupos de comunicação alagoanos era reduzir em 40% o piso salarial dos jornalistas. Após várias tentativas de negociação sem êxito, o último recurso era greve e Adelaide tinha uma decisão a tomar: aderir à greve ou não. A decisão não foi fácil. Muita coisa pesava dos dois lados da balança. De um lado, 15 anos de trabalho num veículo que foi o berço de sua aprendizagem. **“Eu devo muito aos profissionais com quem eu trabalhei, todos eles. Eu aprendi com todos eles. Aprendi muito. Tudo o que eu aprendi, eu aprendi dentro de um veículo, mas eu também me esforcei, eu cacei as coisas para aprender, ninguém me deu de bandeja”**. Também havia amigos, pessoas com quem havia construído uma história. Seis meses antes da greve Adelaide havia perdido a mãe, que faleceu de câncer, nos últimos 11 dias de vida se sua mãe foi liberada do trabalho para poder se dedicar integralmente a ela. **“Eu gostei de trabalhar na gazeta. Aprendi, aprendi demais. Tudo o que eu aprendi, aprendi lá. Eu aprendi mais depois que saí de lá? Aprendi mais. Mas eu não aprendi a mesma coisa. Só aprendi mais. O dono era meu amigo, a Maria Gorete me levou pra TV gazeta da segunda vez quando eu saí da rádio pra TV Gazeta, o diretor do RH foi muito legal comigo, porque ele me deixou cuidar da minha mãe; mas aí foram pessoas que tiveram sensibilidade e bom senso. E dessas pessoas eu não preciso largar no meio do caminho, de forma alguma”**.

Do outro lado da balança, a história do pai que há anos atrás lutou pela instauração do piso salarial dos jornalistas. Ródio Nogueira, que na época era editor, abriu uma faixa de greve no meio da redação, sentou ao lado e disse: estou em greve. Havia todos os outros colegas, o senso de coletividade, de justiça, do dever a cumprir **“Eu falei eu vou, eu não quero ser lembrada na rua como a pessoa que entrou para trabalhar. Eu não quero ir todo quinto dia útil sacar um dinheiro que eu não conquistei. Não é legal, eu não vou ficar bem da cabeça. O que me deu força para ir para greve foi a história do meu pai e o fato de saber que eu não queria ... já tem tanta coisa que a gente precisa agradecer às pessoas porque elas fazem pela gente, e tranquilo, a gente tem mesmo que agradecer, a gente ajuda alguém aqui pra mais lá na frente alguém nos ajudar. A vida é assim. Mas eu não queria que as pessoas carregassem esse peso. Não queria ser do outro lado da história. Queria ser do lado que tava todo mundo. E aí foi o que eu fiz. Tentei ser útil na greve, como todo mundo foi. Todo mundo ali foi fundamental”**.

Adelaide foi a primeira a ser demitida no retorno da greve. Mas saiu leve, o tempo ali havia sido cumprido. Havia outras batalhas para encarar. Uma nova fase a esperava: O [Acta](#). O projeto surgiu ainda na greve e

se tornou realidade. Um veículo de comunicação comandado por jornalistas. Quando teve a oportunidade de escolher o que queria ser, não duvidou: produtora. E nesse posto de trincheira tão seu, uma das experiências mais fortes foi uma produção executiva (quando o repórter sai sem uma pauta prévia ou marcações agendadas). Numa sexta-feira à tarde, dia 4 de dezembro de 2020, um ônibus caiu de uma ribanceira em Minas Gerais e matou 19 alagoanos. Direto da redação onde estava Adelaide falou com o interior de Minas, pegou sonora com a PRF e com o hospital. Ligou para a rádio Inconfidência, que é a estatal do governo, e eles começaram a mandar os áudios que estavam recebendo nos grupos de jornalistas de lá. Todo o material foi ao ar no principal jornal do Acta e nesse dia, ela saiu da redação com 10 mil pessoas assistindo. No domingo os corpos chegaram e eles foram para Mata Grande cobrir a despedida das vítimas do acidente. As matérias da cobertura tem quase 700mil visualizações. O novo tempo trouxe mais significado para o jornalismo dentro da vida de Adelaide, **“hoje tem uma importância muito maior porque eu sou dona de uma empresa de comunicação com os meus colegas. O jornalismo, pra mim, hoje é pensar assim — eu tenho uma empresa, mas eu não posso perder a essência”**.

Quem trabalha com a guerra sabe a importância da alegria, do riso, da música. Como uma agente dupla, Adelaide também é assessora de comunicação: **“Toda a vida eu trabalhei com assessoria. Eu fiz oito edições do réveillon Absolut. Da primeira edição à última. Fiz duas edições do Allure e uma do Celebration. Gosto muito.”** Depois de 11 reveillons encerrou a participação nas festas de fim de ano e ficou apenas com os clientes pessoais.

Adelaide combate brava e diariamente essa guerra. Mas faz isso de um jeito leve com sorriso no rosto e ao som de uma trilha sonora com Chico Buarque e muito samba. Com cartas escritas à mão para os amigos, parando para contemplar o mar e pôr do sol, porque ela sabe que a guerra é dura, mas não tira a beleza e a poesia da vida.



Adelaide comemorando a vitória dos jornalistas, após a greve de 2019

**“O jornalismo me diz:
— você tá aqui pra con-
tar essa história, mas
também tá aqui pra
aprender que o simples
encanta, que as coisas
valiosas não valem di-
nheiro.”**

Adelaide Nogueira



Equipe da Nova Brasil comemorando 1 ano da emissora em Alagoas.



Equipe do Acta comemorando o primeiro prêmio de jornalismo do canal de comunicação.

A MÁGICA DA TIA MÔNICA

Tia Mônica é rainha das turmas difíceis, dos alunos difíceis. Quase professora padroeira das causas impossíveis. Se uma turma é danada, se o aluno não rende, o sonho de todos: direção, coordenação, pais, responsáveis, turma da limpeza é que este ser humano tenha a chance de passar pelas mãos de Tia Mônica.

Mônica Machado é professora há mais de 35 anos. Já passou pela educação infantil e atua nas séries iniciais do ensino fundamental de uma escola da rede privada de Maceió. É polivalente. E esse substantivo combina muito com ela, mais do que significar que ela dá aula de todas as matérias, com exceção de inglês e educação física, a palavra diz muito do que tia Mônica é: poli + valente. Ela é muitas: mãe, educadora, orientadora, conselheira, pulso firme, manteiga derretida. É valente diante da vida, dos alunos, das circunstâncias. É valente diante de uma profissão desafiadora que caminha em baixa no Brasil. De acordo com a Federação Nacional dos Professores, mais de 21 mil professores abandonaram a sala de aula na última década. Enquanto os números de jovens ingressando nas faculdades de licenciatura despencam e tantos profissionais migram para outras profissões, Mônica defende seu trabalho com brilho os olhos **“Não teria outra profissão. Iria criar a profissão de Educadora não teria outra, sempre Educadora”**.

E ela faz questão de explicar que é educadora e não professora. Porque professor qualquer um pode ser, educador não. **“O professor é aquele apenas que transmite conteúdos? O educador procura saber quem é o seu aluno para depois fazer a troca de conhecimento porque eu também aprendo muito com meus pequenos alunos. Professor vai lá para sala preocupado em transmitir apenas o conteúdo, se vê algo errado faz vistas grossas e continua sua aula para não atrasar seus conteúdos planejados para o dia de aula. Então, eu sou educadora. Eu paro minha aula e digo: não estou perdendo tempo não, estou ganhando. Paro pra resolver qualquer situação que não está confortável para meus alunos. Afinal de contas, quando fecho a porta tenho eles como se fossem meus filhos e toda mãe quer o melhor para seus filhos.”**

E é com essa combinação de educadora-mãe que ela comanda a sala. Firmeza e limites combinadas com carinho e afeto. Com ela é preto no branco. Combinados seguidos à risca, limites que não são alterados. Mas tem sempre o abraço na entrada e na saída e os recadinhos de todo dia **“amo você, doçura”**. Tem as lágrimas de todo fim de ano na hora de escolher a mensagem de despedida da turma que nunca se despede totalmente, porque no ano seguinte tem sempre alguém na janela na hora do intervalo mandando beijo e pedindo para dar abraço.

Tia Mônica, como seus alunos a chamam, tem os olhos bem treinados para ver além dos rótulos com que os alunos vêm tachados. É uma exímia desempacotadora de embalagens. Vai com cuidado se aproximando e descobrindo o que se passa com cada um. **“Procuro saber o que está acontecendo com aquele aluno tímido, aquele aluno agitado, os alunos muitas vezes chegam pedindo socorro e muitas vezes os professores só sabem falar que ele não quer nada com história do Brasil”**. Pode parecer uma prática simples, mas não é. Imagine-se diante de 30 seres humanos pela manhã e mais 30 pela tarde. São dois olhos para 60 almas. 60 almas no meio de planejamentos, provas, exercícios, atividades, feiras de cultura, chamada,

calendário, cronograma. Cada um com o seu jeito, seus desafios – em matemática, português, ciências – e relacionamentos, autoestima, convivência. Tia Mônica se propõe a dar conta de todos eles — os desafios e os alunos, que para ela são coisas distintas. Encara o aluno numa plenitude e não apenas como um depósito de conteúdo.

Para Mônica, estar em sala de aula diariamente é a realização de um sonho. Talvez por isso toda essa garra e vontade de fazer valer a pena cada minuto com seus alunos **“Meus primeiros anos como professora foram e é até hoje são como sonho realizado. O mesmo amor e dedicação tenho pelo o que faço com muito orgulho.”** O desejo de ensinar vem desde a infância quando juntava suas bonecas para dar aula. A brincadeira preferida era escolinha, mas o pai não aprovava essa escolha de vida e queria que a filha fosse advogada.

Apesar de toda a dedicação, a rotina não é romântica e a carreira teve os seus entraves. Mônica trabalhou por 17 anos sem ter a sua carteira de trabalho assinada. Várias vezes entrou em sala de aula com o salário atrasado por meses, mas se recusava a deixar os alunos sem aula **“as crianças não tem culpa se nosso salário está atrasado, se a gestão não está efetuando o pagamento”**. Sempre atuando na rede privada, houve épocas em que trabalhava os três turnos: manhã e tarde na escola e à noite com aulas de reforço para complementar o orçamento. Mas mesmo com o ritmo puxado nunca chegou para uma aula sem o seu planejamento pronto.

Quando pergunto das dificuldades, Mônica não hesita em falar da falta de parceria das famílias **“quando a família anda junto é a coisa mais fácil do mundo, mas infelizmente muitos acham que é só pagar a escola”**.

Ainda no quesito desafio a pandemia, sem dúvida, foi o mais difícil e inesperado para essa professora de 55 anos. Do dia para a noite, literalmente, teve que se reinventar, aprender a lidar com a tecnologia, novas didáticas e formas de se conectar com os alunos de forma remota. **“A escola passou a ser minha casa. Inovei nas minhas metodologias para chamar atenção dos meus alunos, motivando a aceitar o novo porque para crianças também não foi fácil, nem para os pais. Mas graças a Deus consegui vencer os desafios de 2020 e aprendi bastante”**.

Como não poderia ser diferente, sua maior alegria foi constatar que seus alunos conseguiram se desenvolver mesmo num ano tão difícil. Mônica também estimulou nos alunos a consciência de que estavam passando por um momento único. Pediu aos pais que fizessem fotos das aulas remotas e guardassem, para que no futuro os alunos possam contar aos seus filhos como foi esse momento de pandemia e que eles lembrem que na época faziam o 5º ano com a educadora Mônica **“posso não estar mais aqui na terra, mas irei fazer parte dessa história com momentos difíceis, mas também de muitas conquistas e a conquista maior dessa época é celebrarmos a vida”**.

Se ela marca muitas vidas é certo que também é marcada e aprende demais com os seus alunos. Sobre os alunos inesquecíveis ela menciona um chamado Carlos Augusto, aluno novato que chegou para compor uma das suas turmas de 5º ano. Extremamente tímido mal conversava com os colegas, reservado, interagia pouco com a professora também. Mônica se aproximou com pequenas conversas até que um dia percebeu que ele tinha deficiência em um dos braços, mas nunca tinha mostrado a turma. Conversaram sobre o braço, era um problema de nascença. A conversa entre os dois continuou em alguns meses Carlos já era um aluno alegre, interagia e brincava com outros colegas.

Foi das mãos de Carlos que Mônica recebeu o que considera um dos maiores presentes que já ganhou na vida, um bilhete escrito **“Tia Mônica, obrigada por existir. Eu amo você!”**. O bilhete acompanhava um presente, mas a mensagem de carinho foi o que mais marcou a professora que chora até hoje ao contar da emoção que sentiu ao entender que havia marcado para sempre a vida daquela criança. A mãe de Carlos ligou e agradeceu o tratamento da professora com seu filho, diferente de tudo o que ele já havia recebido em outras escolas. Agradeceu o olhar generoso de quem viu além da deficiência e apostou que embaixo da capa

de timidez havia um menino alegre e brilhante. Há anos Carlos mudou de escola e já está no ensino médio, mas continua passando na casa da Tia Mônica para conversar e saber como ela está. Faz questão de dizer que ela faz parte da família e da história dele.

Ela não é santa, mas operou verdadeiros milagres. Aqueles que só quem acredita no outro pode operar: ver aluno aprender a ler no quarto ano, menino com síndrome de down e muitas limitações de fala apresentado trabalho sobre o funcionamento dos rins, crianças tímidas voltarem a falar, verdadeiros pestinhas regenerados e aprovados ao final do ano letivo. Esses são os excepcionais, mas há também os milagres do dia a dia como fazer alguém amar a leitura e a aula de matemática. Trocar o celular pelo jogo de pega-vareta no fim da aula, dizer obrigada, desculpe e com licença.

Várias vezes ela colocou na própria conta da cantina o lanche do aluno que tinha esquecido de levar. Certa vez toda a turma iria participar da comemoração de dia das crianças, menos uma aluna, cujos pais não podiam pagar a taxa da recreação. Mônica mandou chamar a mãe da menina que explicou a situação difícil da família, a professora já tinha percebido a tristeza da aluna e combinou: **“não se preocupe: ela vai participar”**. Pediu para descontar do próprio salário a taxa da recreação. Outra vez, numa feira de ciências mandou confeccionar jalecos para todos os seus alunos. Os meninos ficaram eufóricos quando vestiram: **“tia, vai precisar pagar? Não, é o meu presente para vocês”**.

Quando pergunto “qual a mágica da Tia Mônica para conquistar tantos alunos?” ela me responde citando Paulo Freire **“Não se pode falar em educação sem falar em AMOR”**. Essa deve ser mesmo a mágica da Mônica para acalmar as turmas agitadas, conduzir os alunos no caminho do conhecimentos e cativar tantas vidas ao longo desses 35 anos de ensino. Amor na pontualidade no trabalho, no capricho na hora de preparar as aulas, na compaixão firme e limites claros, no olhar generoso, no carinho da fala e na sua marca registrada de quem faz questão de escrever com a própria letra, todos os dias, em cada agenda: **AMO VOCÊ, DOÇURA!**



Mônica e seus filhos: Ingryd e Abel



“Não se pode falar em educação sem falar em amor.”

Mônica Machado e Paulo Freire

A GUARDIÃ

Uma sala simples na parte térrea da reitoria da Universidade Federal de Alagoas abriga toda a vida acadêmica dos estudantes. Ninguém entra ou sai da Ufal sem que a sua documentação passe por lá. A placa de identificação é pequena, do tamanho de uma folha A4 com as letras DRCA (Departamento de Registro e Controle Acadêmico). Todas as etapas da vida um aluno da Universidade Federal passam por aquela sala: a declaração de matrícula; cadastro dos alunos; trancamento de matrícula; transferência; o registro dos dados estatísticos do alunado; o registro dos deferimentos de dispensa e a análise da situação acadêmica de cada estudante; emissão de diplomas e históricos escolares de graduação e pós-graduação para os estudantes da Universidade e o agendamento da sonhada colação de grau. E para mim, essa sala tem uma guardiã.

Todo aluno da Ufal, sem exceção, entrou naquela sala. E nas últimas décadas toda a nossa vida acadêmica passou pelas mãos da guardiã Maria do Carmo. Sou filha da Ufal há quase dez anos. Essa é a minha segunda graduação. Quando fiz letras em 2008-2012 a guardiã já estava lá: tirando dúvidas, resolvendo problemas, encaminhando, ensinando, alertando, acompanhando. Não me lembro em que momento, mas ainda na primeira graduação eu entendi, se eu quisesse resolver algo, deveria ir ao DRCA no horário em que a Maria do Carmo estivesse, ela resolveria. Não importava a perguntava ela tinha resposta. Na minha mente, ela fazia a Ufal funcionar. Lembro-me do agendamento da colação de grau. Fui umas três vezes ao DRCA: uma para saber dos documentos necessários, outra para levar os documentos e mais uma para remarcar a data. Da primeira vez não havia data disponível, além de todas as outras vezes que precisei autenticar a declaração de vínculo. No dia da minha colação ela estava lá com o diploma em mãos. Não um canudo fictício. No mesmo dia que coleei grau recebi meu diploma e todo o meu histórico escolar da faculdade e os documentos que havia levado no ato da matrícula. Tudo impecavelmente separado. Virei para minha mãe e disse “tá vendo aquela ali, é a Maria do Carmo, uma das pessoas mais importantes desta universidade”.

Maria do Carmo Viana Cavalcanti é pernambucana, natural do Recife. Pedagoga formada em 1979 pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) onde também trabalhou por 15 anos, sendo 8 anos no Corpo docente e 7 anos na coordenação do curso de Pedagogia. Fiquei surpresa quando descobri que Maria do Carmo é também professora, pedagoga – e digo é no presente porque professor não é uma coisa que se deixe de ser – e deduzi que deve ser daí que vem esse trato para lidar com os alunos e o tato para organizar as coisas.

Em 1995 solicitou transferência para a Ufal e aqui permanece até o dia de hoje. Por 21 anos foi diretora geral do DRCA e nesse tempo deve ter atendido no mínimo 31.500 formandos. Além de todos os outros alunos que iam resolver questões diferentes da colação de grau. Quantos professores, jornalistas, agrônomos, médicos, advogados, cientistas sociais, biólogos, enfermeiros, farmacêuticos, nutricionistas, engenheiros, arquitetos, psicólogos, economistas, contadores ... quantos novos profissionais ouviram o “confiro o grau” e receberam seu diploma a sombra dessa guardiã? Quantos juramentos ela escutou? Quantas transferências? Trancamentos? Desistências? Quanto da história da Ufal ela carrega na própria história?

Nesse tempo, casos inusitados não faltaram, as colações de grau eram repletas de casos interessantes e imprevistos, mas o que mais marcou eram as pessoas que chegavam desequilibradas ao DRCA, exigindo o seu diploma, mas nunca tinham estudado na UFAL.

Desde 2015, com a mudança do reitorado e por haver votado em outro candidato, foi exonerada da direção, mas continua trabalhando no mesmo setor de matrícula como técnica em assuntos educacionais. Suas

atribuições neste setor são, precisamente, atender a comunidade acadêmica em suas diversas rotinas; o que ela faz de modo excelente e com o maior apreço pelo trabalho **“Quando fiz uma escolha em minha vida para ser servidora pública foi para trabalhar com responsabilidade, procurando resolver da melhor forma possível todos os problemas que chegam em nosso setor”**.

Nesses 26 anos de serviço na Ufal teve a oportunidade ascender profissionalmente, conquistou respeito em torno do seu nome pela maneira como conduziu a responsabilidade que lhe foi dada por três reitores com os quais trabalhou e fez inúmeros amigos durante todo esse tempo de trabalho. Acompanhou com naturalidade as mudanças que transformaram a universidade e as rotinas acadêmicas, celebrando cada mudança que veio para reduzir as burocracias.

Quando pergunto se ela faz ideia de quantas “vidas acadêmicas” já passaram pelas suas mãos, ela diz que **essa é uma pergunta difícil de responder!** Atualmente a Ufal possui em torno de 25 mil alunos, em mais de duas décadas de trabalho foram milhares e milhares de alunos. O que ela faz questão de dizer é que **“a UFAL foi de grande importância em minha vida, igualmente a UFPE onde iniciei minha vida acadêmica e profissional”**.

Maria da Carmo também é de grande importância para cada universitário que contou com a sua ajuda, que teve sua vida acadêmica “guardada” da matrícula à colação por essa exímia guardiã.

**“Quando fiz uma
escolha em minha
vida para ser
servidora publica foi
para trabalhar com
responsabilidade.”**

Maria do Carmo



Maria do Carmo, eu e a reitora a vice-reitora Rachel Rocha na minha colação do curso de letras em janeiro de 2012.

A PRIMEIRA E A ÚLTIMA FOTOGRAFIA

Qual a importância de uma fotografia? Quantas memórias cabem num papel marcado pela luz? Quantas fotos você tem da sua infância? Quantas com a sua mãe? Onde guarda suas fotos especiais? A fotografia é responsável por capturar detalhes e eternizar instantes. Para muitos pode uma foto pode ser banal, para outros pode ser um dos itens mais preciosos da vida. Pode capturar uma centelha de eternidade. O trabalho de [Paula Beltrão](#) é laçar esses instantes e prendê-los para sempre num papel que o tempo não dissolve.

Mães e filhos têm inúmeras fotografias juntos ao longo da vida, Paula mais que ninguém sabe disso, pois é fotógrafa especializada em gestantes, partos e bebês. Em sua trajetória profissional ela descobriu que as mães e pais de bebês anjos, como são chamados os bebês que partem ainda na barriga ou logo após o nascimento, tem apenas um momento, um encontro. Alguns minutos ou horas para sentir o bebê, gravar na memória o cheiro, os traços, o jeito dos seus pequenos. E nesse momento raro, único, nessa fenda de tempo de eternidade que se abre para que essas famílias encontrem de modo intenso amor e dor, Paula está lá eternizando os olhares, abraços, detalhes, carinhos, lágrimas, sorrisos. A primeira e a última fotografia daquela família que acabou de nascer e já se modificou, se partiu. As fotos de Paula são como estrelas que vão cintilar no céu de luto que esses pais vão enfrentar, vão trazer fochos de luz das lembranças construídas, do amor eterno vivido. **“Os registros de hoje serão as únicas lembranças de uma história que só está começando”.**

O trabalho da fotógrafa mineira é voluntário. Às vezes, Paula conhece os pais antes do dia do parto, nos ensaios gestantes e às vezes só no momento da chegada do bebê quando é chamada para acolher a família. E parte de sua missão é acolher mesmo, entende que está ali naquele ambiente não apenas para fotografar, mas ajudar a encher banheira, aliviar a dor e sugerir algumas ações de despedidas. Fotografar é uma paixão, é a profissão, mas é também a missão de Paula **“Minha missão! Eternizar o amor que vai além da dor”.** Contar histórias que não podem e não devem ser silenciadas. Os chamados para o acolhimento não tem hora, podem chegar num domingo à noite, na madrugada ou numa quarta à tarde. Sempre que pode, Paula atende ao chamado e tem sempre um dia livre na agenda para remarcar as fotos de estúdio, porque os bebês têm a sua própria hora de chegar e de partir. Já anda preparada com o seu kit de sobrevivência para partear nas maternidades à espera dos passarinhos.

Paula não está sozinha nesse esforço de acolher mães e pais de bebês anjos, de dizer que sua dor é real e importa, que não estão sozinhos, que a história deles é válida e é sim uma história de amor. É uma das fundadoras do grupo Colcha, em Belo Horizonte, junto com a médica Mônica Nardy e a doula Isabel Cristina. O grupo foi criado, poucos dias após a partida de Cecília, filha da Dra. Mônica que partiu às 38 semanas e 6 dias ainda no ventre, na intenção de acolher famílias que passavam pelo mesmo processo de perda e não tinham voz para contar suas histórias, não tinham um acolhimento respeitoso no momento da despedida, não tinham o respeito pela dor que estavam vivendo. **“Tantas famílias que no momento mais difícil da vida enfrentavam desafios para verem e carregarem seus filhos, para terem seu direito de luto validado. O trabalho do grupo e o meu trabalho em fazer os registros destes bebês veio justamente para cobrirmos lacunas e quebrarmos tabus em torno do tema sobre perdas, mas principalmente surgiu para mostrar o amor absurdo que existe e sempre existirá sobre os filhos que partiram. Mostrar o amor que**

vai muito além da dor. Mostrar que estes bebês e estas famílias existem e suas histórias podem não ter tido o final sonhado, mas não deixam de ser a história da vida daquela família e elas não precisam se envergonhar ou escondê-las”.

A colcha de retalhos cresceu e hoje tem uma equipe multidisciplinar com obstetras, psicólogas, psiquiatras, fisioterapeuta, enfermeiras obstetras e doulas. Mulheres empenhadas em reunir seus retalhos pessoais aos de outras famílias e formar um enorme tecido de amor. Acolhimento do começo ao fim. As fotos do encontro e despedida são entregues e ficam guardadas numa caixa especial preparada pelo grupo Colcha. Na caixa vão as fotos, um carimbo do pezinho e ou mãozinha do bebê, uma mechinha de cabelo (às vezes transformada em pingente) e um passarinho de crochê (na verdade dois passarinhos, um é enterrado com o bebê e o outro fica com a família) e mais os itens que a família queira guardar. Os itens da caixa são doados por voluntários e simpatizantes do grupo Colcha.

Conheci o trabalho da Paula quando procurava fontes para uma reportagem sobre parto, gostei e passei a seguir no instagram. Certo dia, rolando o feed vi uma foto linda de uma mãe e sua filha recém-nascida. Ao ler a legenda entendi que aquela era a última foto da Cecília. Que tinha partido naquele mesmo instante. O que eu vi foi uma mãe e uma filha. Amor. Conexão. Uma vida. Uma vida inteira ali naquela fotografia. Paula também viu vida, a mãe de Cecília também viu vida e pediu “compartilha a minha história pra que outras mãezinhas saibam que não estão sozinhas”. Mas nem todo mundo vê a vida, alguns só veem a dor e a dor assusta. São raros, mas os comentários negativos e críticas existem. Há quem questione a necessidade dessas fotos, de mostrar, expor. Por quê? Para quê? **Porque existe dor, mas também existe amor.** Porque apesar de ser dura, a morte faz parte da vida. Porque bebês que partem cedo demais, também foram amados e desejados. Existem e fazem parte de suas famílias. O trabalho da fotógrafa abre espaço para sentir a dor e celebrar o amor.

Quem foi agraciado com esses registros fotográficos reconhece a importância dessa primeira e última foto **“Minha mãe, há muitos anos, perdeu uma filha no parto. Ela não viu o bebê, não segurou e não teve nenhuma memória dela guardada. Soube desta história muitos anos depois, pois minha mãe falava que não conseguia falar sobre este dia. Quando descobrimos que o Pietro tinha partido ela me falou que eu precisava ver meu filho, ter fotos, acolhimento, pois as marcas de dor deste dia para ela eram muito fortes.”** Conta uma das mães acolhida por Paula. **“Foi através destes registros que realmente consegui compreender a importância da minha profissão.”** Citando Cartier Bresson Paula diz que nesses momentos **“coloca na mesma linha de mira a cabeça, os olhos e o coração”.**

Uma foto nunca é só uma foto. É um pedaço de tempo eternizado, é um retalho de memória e sem esse pequeno retalho a colcha da vida pode ficar incompleta. Se há uma foto do momento da partida, é porque houve um encontro. Há uma mãe e um filho, família, amor. É uma prova de vida. É resistência à insensibilidade.



Fotografias de Paula Beltrão nos acolhimentos de bebês anjos.

DEBAIXO DO SOL



@grupo_colcha_paulabeltrao



@grupo_colcha_paulabeltrao

Fotografias de Paula Beltrão nos acolhimentos de bebês anjos.



“Estes bebês e estas famílias existem e suas histórias podem não ter tido o final sonhado, mas não deixam de ser a história de vida daquela família e eles não precisam se envergonhar ou escondê-las.”

Paula Beltrão

ESPÉCIE EM EXTINÇÃO: POETA

Quantas pessoas você conhece que podem encher a boca quando são perguntados sobre ocupação ou paixão e dizer: sou poeta? Quantos desses artesãos da palavra fazem parte do nosso dia a dia? Quanto a poesia faz parte de nossas vidas? O quanto nos toca? Qual o último poema que você leu? Qual o seu preferido? Quando foi que nos convenceram que a poesia é um item de segunda necessidade?

Na correria insana e pragmática dos dias, na aridez das urgências que nos cercam quase esquecemos o poder da poesia até que nos nossos olhos se refresquem na página de um livro aberto, até que um passarinho poeta sussurre no nosso ouvido rimas embaladas e desconcertantes e nos guie para o mundo onde a palavra é o aconchego que nos abraça, encara e faz pensar.

Há um tempo conheci um pássaro lindo dessa espécie em extinção, a poeta [Natasha Tinnet](#). Com suas penas azuis e seu canto sibilante, ácido, irônico e macio. Natasha demorou para entender que era poeta, escritora e que essa era a sua espécie de gente, na minha opinião, uma das melhores. Só depois do primeiro livro publicado senti dentro de si a força de para afirmar. **“eu sou poeta! É isso mesmo! Porque é difícil aceitar que você é escritora. Pra mim foi difícil aceitar, sabe? Mas, agora, com mais de 30 anos e com o primeiro livro publicado eu falo e reafirmo: eu sou poeta, sou escritora”**.

Na adolescência já escrevia, mas destruí os textos, guardou pouquíssima coisa dessa época. Os primeiros textos habitavam seus cadernos ilustrados com rabiscos e recortes. Não tinha internet em casa até os 20 anos. Quando teve acesso à internet a primeira providência foi criar um blog. Em 2008 fez o primeiro exercício de publicação com o blog “sai de mim” sobre coisas cotidianas, mas sempre escrito de forma mais literária, transformando a rotina quase em ficção e experimentando formas de linguagem **“hoje vou escrever sobre mim em terceira pessoa, como se eu estivesse num filme, em blocos etc”**. Em 2012 veio o segundo blog “bomba&brigitbardot” em que escrevia crônicas. Mas ali ainda não tinha poesia, não tinha a pretensão de ser poeta. Escrever era uma coisa de sonhadora, não enxergava a sua produção como uma escritora profissional.

Natasha percorreu muitos caminhos: estudou ciências sociais, estudou decoração de interiores, foi recepcionista, ilustradora e mesmo escrevendo em seus blogs e cadernos, por muito tempo a literatura ficou em segundo plano. Bipolar e espondilítica enfrentou muitas dores e inflamações até descobrir o diagnóstico. Mas as crises e dores foram o gancho para mergulhar na escrita. **“conviver com isso foi uma das coisas que me pegou pra escrever”**. Em 2016 quando os dois tratamentos começaram a dar certo foi percebendo que escrever era o “lance”, **“a escrita sempre esteve comigo”**. As dificuldades de conseguir trabalho, os cursos parados no meio do caminho, só a escrita persistia, continuava com ela. Natasha brinca assim como Rubem Alves **“fui ser escritora porque tudo deu errado”**. Até firmar sua identidade como escritora passou por muitos conflitos internos **“Eu pensava, sou muito perdida na vida, sou uma fracassada, nunca vou fazer nada. Via todos os seus amigos fazendo mestrado.”**

A poesia chegou na época em que buscava conciliar seus trabalhos com alguma forma de viver das palavras. Nesse mesmo período, uma outra obsessão povoava a cabeça de Natasha: fazer geleias. Comprava

livros, estava receitas. E foi a junção da ideia de fazer geleias e poder escrever que fez nascer os primeiros versos de seu livro “Veludo Violento”. **“A psicóloga deu a ideia de fazer a geleia com pequenos textos — ‘é uma forma de você trabalhar isso também como literatura’ — Daí, eu comecei a fazer versos pra isso. Só que eles, às vezes, não eram muito positivos. Acabou que ficaram mais versos sobre solidão e essa coisa da insônia. Então, eu guardei o caderno com esses versos, depois comecei a trabalhar, e fiz 12 poemas”.**

As geleias literárias não foram para frente e tornaram-se apenas presentes de Natal para a família, mas os versos, sim. O protótipo de “Veludo Violento” foi apresentado aos amigos do grupo literário Membrana, que perceberam o humor e a ironia da poesia de Natasha. A aprovação foi total! O frio na barriga e o medo que a assombravam antes de apresentar os poemas foram embora. Foi um momento catártico **“ eu chorava e chorava. Eu tava chorando porque a gente sempre espera que alguém vai falar mal”.**

Natasha continuou trabalhando nos poemas, incluiu uma nova série e quando achou que estava pronto inscreveu “Veludo Violento” no edital de obras literárias da Imprensa Oficial Graciliano Ramos. Foi aprovada. Ela que já tinha tentando em outros editais venceu com a poesia. Dos sete concursos que tinha se inscrito, havia perdido seis. A poesia sempre vence! Ainda bem.

A poesia de “Veludo Violento” arrebatou também o prêmio da Biblioteca Nacional em 2019. Um segundo lugar com sabor de reconhecimento. Uma tatuagem marcando na pele da literatura brasileira o que ela já sabia: Natasha Tinetti é poeta!

Afiada, aguda e irônica, a coletânea dos poemas traz, na maioria das vezes, o lugar de fala feminino e aborda dores e traços da mulher contemporânea **“É um tema que é importante pra mim e não consegui deixar de fora. Tem a paródia do poema do Paulo Leminski, ‘um homem com uma dor’. Eu fiz ‘uma mulher com uma dor’, porque ser uma mulher com uma dor nem sempre é elegante. Só aos homens, me parece, é permitido sentir uma dor elegante e a mulher convive com a dor desde que nasce”.**

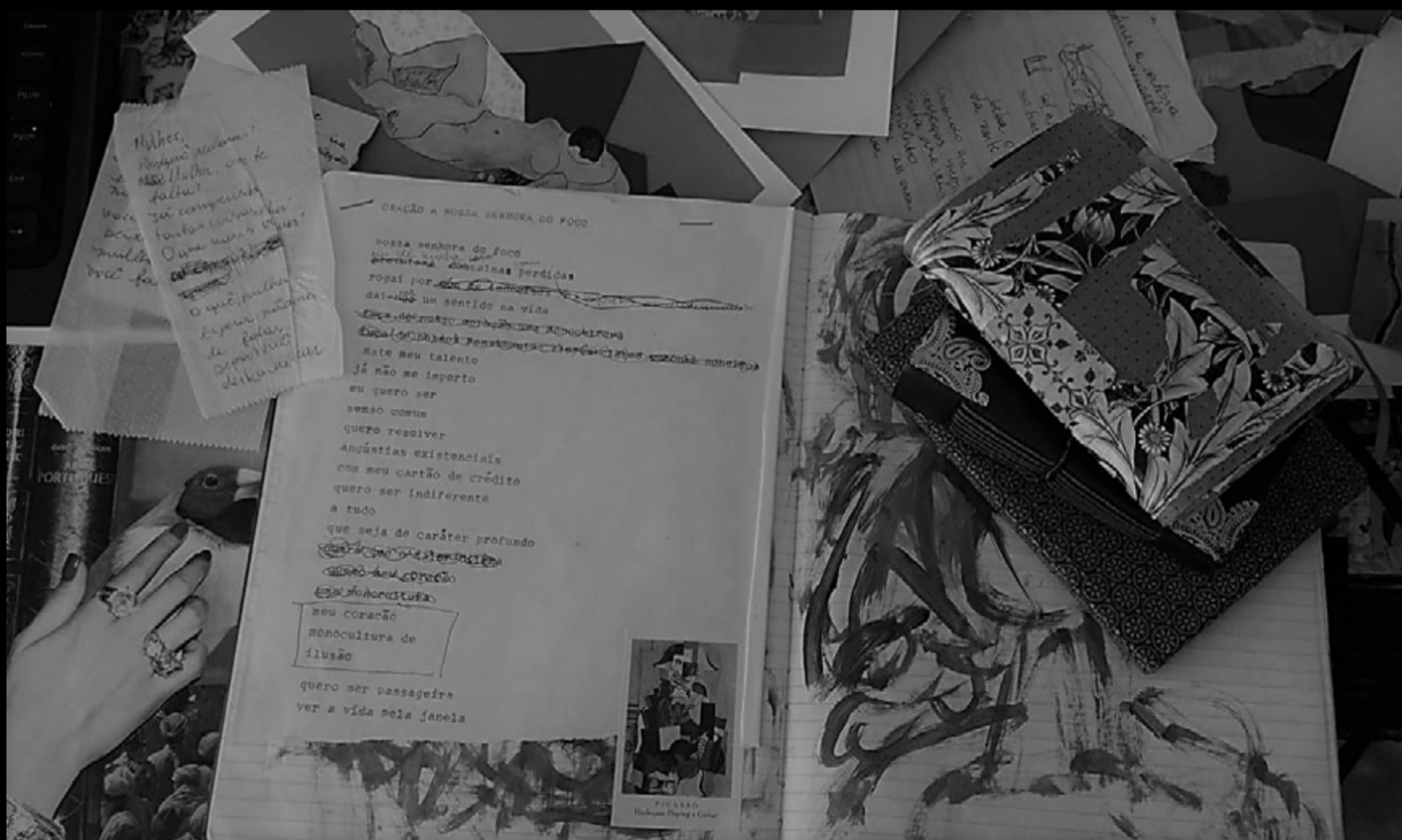
A obra carrega toda a dualidade da mulher, da poeta. Com uma visão que é às vezes mórbida, às vezes mais reflexiva, com um senso de humor que não se abala. Uma poesia de quem tenta equilibrar os dois pólos, porque nunca acha que uma coisa é completamente trágica ou completamente alegre. É a poesia de quem vive em conflito consigo, entre o veludo e o violento, e faz arte com isso. **“ guardo em mim pêssegos mortos/ veludo violento que pulsa — a dor ela tá ali nos temas, morte, todas as coisas que geralmente são pesadas e as pessoas não querem falar eu acabo falando e tem um certo humor que eu acho que me salva, que sobrevive apesar de tudo. Tenho duas preocupações: sonoridade e equilíbrio. Me preocupo muito com a fluidez das palavras, que elas andem sem tropeços e tento produzir uma escrita que se equilibre, que não seja a tragédia pela tragédia, que tenha um pouco de humor, de insólito também”.**

Natasha é um pássaro com muitos voos: escritora, artista visual, editora, gateira. Mas faz todos eles nas asas de uma escrita que flui sem tropeços, equilibrada, que tem um pouco de humor e de insólito também. E o que pode ser mais poderoso do que uma mulher que senta e escreve? Uma mulher que vive a escrita.



**“Eu sou poeta!
É isso mesmo!
Porque é difícil você
aceitar que é
escritora. Mas agora
eu falo e reafirmo:
eu sou poeta,
sou escritora.”**

Natasha Tinetti



Caderno em que Natasha escreveu os primeiros versos de “Veludo Violento”.

MORAR COM PESSOAS

Nossa casa é um espaço de privacidade, inviolável — a não ser que você more numa comunidade — nosso refúgio, para alguns até mesmo um santuário. É um espaço para sermos nós mesmos, andar de pijama ou sem roupa, descansar, fazer o que gostamos, receber quem amamos. Lugar do nosso conforto, de intimidade. Selecionamos quem entra e até onde a pessoa vai, o quarto e a cozinha são para os íntimos. **Sílvia Capelleti** já morou em muitas casas. Mas a única só sua foi o apartamento em que morou depois de casar e onde viu os filhos nascerem. Antes disso, morava com a mãe e muitos irmãos. Depois do apartamento, decidiu que iria morar com pessoas, não que já não morasse, mas queria mais pessoas, outras pessoas.

Sílvia e o [marido](#) são missionários há mais de 30 anos. Iniciaram a vida missionária trabalhando com a missão Cena no centro de São Paulo. Desde o começo estiveram voltados para população de rua, as pessoas pobres, levavam comida e assistência aos moradores da Cracolândia. Sílvia também se dedicava às crianças de rua na Praça da Sé. Mas nunca pensou ou imaginou que iria morar com essas pessoas. Esse tempo foi muito importante, porque foi no dia a dia com a população de rua, conversando, levando comida, prestando socorro que ela treinou o olhar para perceber que no meio do ambiente inóspito e sujo da rua havia muitas histórias, verdadeiras joias, pessoas muito boas que haviam perdido o rumo da vida.

Depois de alguns anos trabalhando como missionária, Sílvia e o esposo foram convidados para palestrar na Alemanha, uma viagem que mudou o rumo da vida deles. Lá conheceram o trabalho de um grupo que morava com pessoas. Eram jovens que estavam presos, mas ao invés de ficar na cadeia ficavam em casas-família. No momento em que viu o projeto Sílvia teve certeza de era aquilo que Deus queria para a sua vida, o marido também se apaixonou por aquele trabalho. Saíram da Alemanha convictos. Voltando para casa conversaram com os filhos, que na época tinham 12 e 5 anos. As crianças aprovaram a ideia. A mãe de Sílvia abençoou a ideia, já os pais de Paulo, esposo de Sílvia, acharam uma loucura “pelo amor de Deus, onde já se viu?! Vocês morarem com homens da rua, vocês nem conhecem, nem sabem quem são”. Mesmo assim, eles foram. Deixaram o apartamento, alugaram uma casa e colocaram 40 pessoas nela: homens, mulheres, travestis, garotas de programa, mães com filhos, idosos, crianças, adolescentes. **“Eu confesso que era uma coisa tão de Deus que a gente se sentia a pessoa mais feliz do mundo. E não era fácil. Imagina você dividir todas as suas coisas, tudo o que você tinha. De repente eu via meu marido assim, as roupas dele no varal, passava uma pessoa e pegava do varal. Eu via a camiseta com um, com outro... Mas a gente começou assim, numa loucura, 40 pessoas e mais um cachorro”**.

No começo os moradores vinham encaminhados pela missão Cena. Eram pessoas que saíam das ruas, faziam a triagem na missão e iam para a casa. Recebiam todos os tipos de pessoas, de todas as regiões do Brasil e até de outros países. A missão tinha uma casa só para as crianças, mas a ideia era que os moradores pudessem conviver como família, por isso, fizeram as modificações e passaram a morar juntos adultos e crianças. Até hoje a casa segue uma rotina de família com horários certos, regras, refeições juntos na mesa e divisão de tarefas. Nunca houve agressões na casa. Uma das regras é que se houver agressão a pessoa será expulsa. Em mais de 20 anos tiveram apenas duas expulsões por intenção de briga.

Cerca de dois anos depois que começaram a morar com pessoas, o filho mais velho de Sílvia faleceu. A mãe guarda a lembrança do quanto o filho amava essa vivência **“ele falava — pai, é a melhor coisa do mundo eu morar com pessoas — Ele amava morar com pessoas, ele amava. Pra ele foi uma experiência muito boa. É uma pena ele não poder estar aqui com a gente”**. Sílvia viu um filho partir nessa caminhada, mas recebeu duas filhas através da adoção: Fernanda e Maressa. Fernanda veio morar com eles quando tinha

12 anos, mas só conseguiram formalizar a adoção quando ela já estava com quase 30 anos. Eles esperaram que ela os adotasse. **“Várias coisas tinham acontecido na vidinha dela e ela foi ficando na nossa casa, a gente foi se apegando a ela, mas a gente tinha medo de falar assim: a gente vai te adotar, porque ela tinha muitas dificuldades. Então, a gente esperou ela falar: quando eu vou ser Capelleti? Aí a gente começou a trabalhar com isso”**. Já Maressa entrou na vida de Sílvia com apenas 2 meses de vida, a primeira intenção era ajudar a mãe da bebê, mas a mãe não quis a ajuda e deixou a menina para a adoção **“Fazia 2 anos que o meu filho tinha falecido e eu falei ‘eu não quero amar mais ninguém’. Eu quero tratar, cuidar muito bem como a gente sempre faz, mas eu não quero amar mais ninguém. Ela veio num momento bem difícil da minha vida e eu acho que Deus providenciou mesmo, foi muito importante na minha vida, naquele momento, ela foi especial mesmo”**. Para Sílvia a adoção foi algo maravilhoso, divino e até difícil de colocar em palavras, completou a família Capelleti **“eu tenho esses três filhos. E o outro que tá lá no céu”**.

Quando Sílvia e o marido decidiram morar com pessoas foram criticados e questionados em relação à segurança e integridade dos filhos. O que seria das crianças crescendo num ambiente com tantas pessoas? Cresceram muito bem. Todos formados. Giovane, que tinha 5 anos quando começou a morar com pessoas, está casado, pai de uma menina e cursa medicina na Alemanha. Fernanda teve sua primeira filha e estudou pedagogia. Maressa é bailarina e cursa a faculdade de direito. Sílvia também estudou, formou-se em Serviço Social **“ Eu fiz serviço social, com muita luta, com muito sacrifício, era um desejo que eu queria fazer mesmo e graças a Deus eu fiz. E uso até a minha profissão pra ajudar em casa, no meu trabalho, nas atividades das pessoas, nos direitos, nas coisas básicas, essenciais”**

Depois de muitos anos de trabalho, deixaram a missão Cena e o centro de São Paulo. Nesse momento pensaram que não morariam mais com pessoas. Seria impossível para os dois sustentar uma casa com estrutura para tanta gente. Mas as pessoas não queriam deixar o casal e insistiam **“queremos morar com vocês”**. Paulo explicou que não tinha mais recursos e a proposta dos moradores foi catar latinhas para conseguir o sustento da casa. Sílvia e Paulo toparam. **“O que é que a gente fazia? A gente catava latinha. Aonde nós íamos sempre tinha sacola de plástico e latinha, vidro, papel que as pessoas nos davam. Nós começamos catando latinha mesmo. E a gente ia, vendia tudo durante a semana, passávamos no mercado aqui, comprava aquela quantidade certinha de mistura que sempre foi um pedaço de carne. Sempre nesses vinte e poucos anos, sempre foi um pedacinho de carne. Até os moradores de rua nos ajudavam. Perto daqui de onde nós moramos é um ponto de prostituição e nesse ponto tem uma mulher que conhece o nosso trabalho e ela comprava mistura pra nós”**. De latinha em latinha criaram a [Missão Sal](#), em Santo André – SP, que está aberta 24 horas por dia para receber e atender moradores de rua e profissionais do sexo que queiram morar com eles. Além da casa principal, a Sal também oferece aulas de JiuJitsu e reforço para as crianças e adolescentes da comunidade.

Sílvia define o seu trabalho como fazer amizade. O primeiro passo para se aproximar de quem está na rua é sempre criar laços. Ouvir. Ir todos os dias no mesmo horário e construir confiança até perceber quem não quer mais estar ali **“a nossa proposta não é sair tirando as pessoas. É quando as pessoas nos procuram e dizem ‘eu não quero mais viver assim’. Então nós temos uma resposta para ela”**. A proposta é dar uma oportunidade de mudança e recomeço, de organizar a vida, estudar, ter uma profissão e uma casa. A maioria consegue construir um novo caminho **“a gente tem diversas histórias. O que a gente não quis foi contabilizar nada. A gente não quis contabilizar ninguém. Por quê? A gente não quer saber de números, a gente não tá preocupado. Se você perguntar pra nós: quantas pessoas passaram por vocês? Não sei. Não sei. Eu sei que foram várias pessoas. Mas muitas pessoas foram mudadas e continuam mudando”**.

Não contabilizar porque se está falando de gente, de vida. Sílvia sempre insiste em dizer que mora com pessoas. Pode parecer redundância, mas não é. É uma afirmação mesmo, é um olhar, uma postura de quem viu e vê humanidade nas pessoas. Não são objetos que estavam nas ruas, não são marginais – no sentido mais literal da palavra – não são problemas, são pessoas. Mesmo depois de 23 anos morando com pessoas, as pessoas ainda perguntam para ela **“como você teve coragem?”**, **“Como você tem coragem de morar com**

essas pessoas? E a sua vida?”. A essas perguntas Silvia responde que não perdeu nada “ganhei muita coisa nesse tempo que a gente tá morando junto. Eu percebi que na vida você não precisa de muita coisa, as coisas são simples a pessoas que complicam. Quando você olha uma criança que não tinha nada e vê que tem a possibilidade de mudar a história dessa criança. Quando você olha pras pessoas você pensa ‘nossa, que oportunidade’. É muito rico o que a gente faz. São poucas pessoas que podem ter esse privilégio que eu e meu marido tivemos de morar com pessoas”.

Aos 60 anos, Sílvia não se vê aposentada. Está vivendo o sonho de viver sem parada, meio nômade, meio “cigana”. Divide seu tempo entre as duas casas em que mora com pessoas: uma em Santo André e outra em Itaquecequequara. Em ambas tem de exclusivo seu apenas o quarto com banheiro para ela e o marido e é tudo o que precisam. Não pensa em aposentadoria ou em morar sozinha, quer seguir trabalhando na missão e morando com pessoas até o fim. Ela resume sua trajetória de forma bem simples **“Já faz mais de 23 anos que além de missionária eu comecei a morar com pessoas da rua. A minha história é essa: eu moro com pessoas”.**

E que história!



“Eu perebi que na vida você não precisa de muita coisa. As coisas são muito simples, as pessoas que complicam”

Silvia Capeletti



Silvia e as crianças da casa indo entregar lembranças para a casa de idosos.



Silvia e o marido.



UMA HERANÇA PARA VANESSA

Uma das coisas mais comuns e indispensáveis na vida é amizade. Há as de infância, de trabalho, da faculdade, da vida. A história dessa amizade começou com a venda de um quadro fiado ou talvez antes, com outra amizade. Duas amigas morando no Rio de Janeiro: Paloma e Vanessa. Vanessa Thomaz havia sido diagnosticada com câncer e saíra de Maringá para fazer o tratamento. Arrumou sua malinha e partiu rumo à cidade maravilhosa sozinha. Mas ouviu do lado do telefone a irmã-amiga dizendo “eu tô indo ficar com você”. As duas se estabeleceram na rua da Relação, nome mais propício não haveria para os encontros que viriam. Na rua da relação também morava, sob o céu de estrelas, o sr. Milton, futuro amigo das meninas.

Sr. Milton vendia em frente ao prédio das meninas uns quadros, adquiridos através de uma excelente curadoria — ele havia selecionado entre as coisas que as pessoas descartam em seus lixos. Paloma queria comprar os quadros, mas estava sem dinheiro. Levou e combinou o fiado dos dois quadrinhos nos próximos dias. A venda fiada, gerou uma amizade. Ficaram próximos, conversavam, partilhavam da vida e sr. Milton passou a morar em frente ao prédio delas, dormia lá com o seu carrinho, passava o dia, mas sempre dentro da liberdade que lhe era bem própria. Às vezes sumia e semanas depois voltava.

O carinho crescia e a intimidade também. Seu Milton participou de todas as comemorações que as meninas promoveram nos dois anos e oito meses que o tratamento durou no Rio. Celebrações variadas de um ano e dois anos de tratamento, de fim de quimioterapia, de radioterapia, dos aniversários e sem modéstia sempre dizia “**eu sou o convidado mais importante**”. E VaneZa, como seu Milton a chamava, garante que era um dos mais importantes mesmo.

Seu Milton com seus cabelos e barba grisalha e seu carrinho foi um dos pontos de acolhimento mais importante para elas durante o tempo de tratamento. Era um amigo e guardião, sempre por perto, nos dias de quimioterapia ficava de olho nelas. O hospital ficava a duas quadras de onde moravam, seu Milton na rua e elas no prédio. Quando sabia que era dia de tratamento acompanhava, cuidava, se percebia que Vanessa estava tonta, zonha, nauseada chamava um táxi. “Mas como seu Milton?” era a pergunta de Vanessa. **Sr. Milton tinha sua reserva para emergências.** E essa era uma delas.

O tratamento terminou e VaneZa voltou para maringá, mas o amigo sabia que a qualquer momento ela poderia voltar, não só sabia. Esperava. Continuou na Rua das Relações. Meses depois Vanessa voltou para um exame no Rio e tiveram seu reencontro com abraços, risos e emoção. Na hora da despedida seu Milton confidenciou que estava esperando a amiga para entregar um presente. Pegou no fundo do carrinho dois pacotes: um quadro, oriundo de suas curadorias, e uma sacolinha. Dentro da sacolinha dinheiro que juntou ao longo dos meses porque queria ter alguma coisa para dar a amiga que quase não aceitou. “O senhor tá louco? Onde já se viu um negócio desses? Eu vim de tão longe pra te dar um abraço e o senhor me dá um dinheiro!” “**eu juntei**”, disse seu Milton. Durante meses ele havia guardado os trocados que ganhou vendendo sucata, papelão e fio de cobre. Explicou que aprendeu esse gesto com uma senhora que morava no prédio em frente e, às vezes, entregava um dinheirinho para ele e dizia que era presente de amiga. Ficaria bravo se VaneZa não aceitasse, ofendido. **Era presente de amigo.** Ela podia usar o dinheiro para fazer um lanche na lanchonete

do hospital ou do aeroporto. Contaram as moedas: R\$56,25 e entraram em um acordo: comeriam juntos e aproveitariam para celebrar o aniversário de ambos, o dela que já tinha passado e dele que ainda ia chegar no mês seguinte. Foi o último encontro presencial dos dois. Vanessa voltou para Maringá.

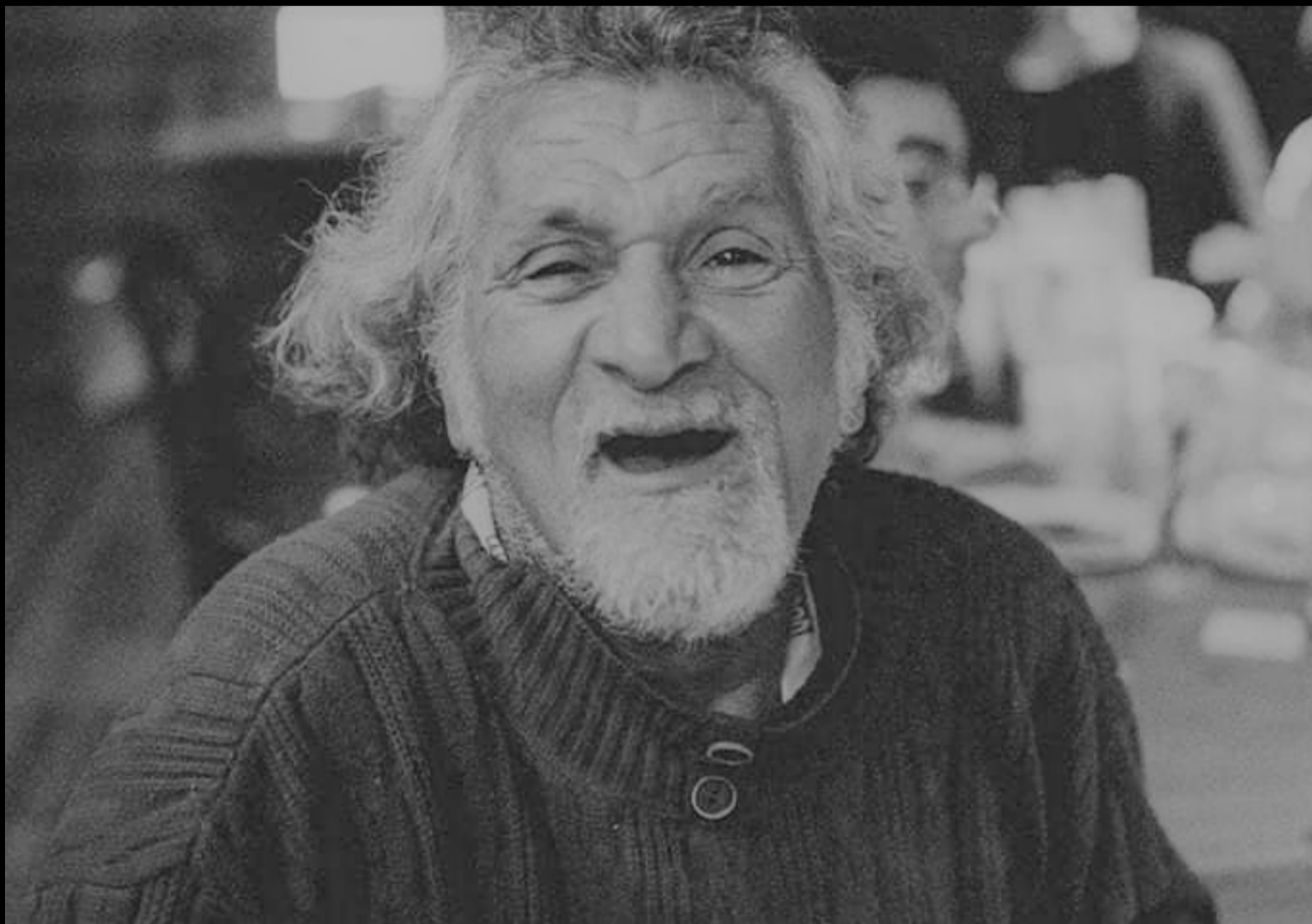
A amizade continuou e de algum modo as notícias de seu Milton chegavam. Mas na pandemia o coração de Vanessa apertou, como estaria o amigo nessa situação toda. Foram meses sem notícias e o fato do endereço dele ser “debaixo do céu” não ajudava. Um dia, Vanessa recebeu ligações seguidas do Rio de Janeiro e decidiu atender. Eram notícias de seu Milton que estava internado com pneumonia, mas já recuperado e teria alta no dia seguinte. Quando perguntado se teria algum contato ele disse **“Vanessa e Paloma”**, o número de Vanessa estava anotado numa foto dentro da Bíblia que ele levava no carrinho. Ele havia contado a história deles para o pessoal do hospital várias e várias vezes.

Do outro lado da linha, depois de levar bronca por causa do sumiço, seu Milton conversa com a amiga **“VaneZa, você é a minha família. Quando o médico perguntou se eu tinha família, respondi que tinha você, o amor da minha vida”**. De acordo com o seu Milton o médico riu e não acreditou muito, anotou com ironia “companheira VaneZa”. Seu Milton explicou pro doutor que todo paciente é o amor de alguém. Até os que moram na rua. Quando a amiga – amor da vida – perguntou se ele estava precisando de alguma coisa ele disse que sim, **precisava de um abraço dela e de uma foto nova, pois a que tinha já havia perdido o brilho e quando pudesse uma blusa nova de frio**, pois tinha perdido a azul que ganhara das meninas.

Meses depois seu Milton partiu, na rua da Relação, no mesmo lugar em que fez morada em frente ao prédio em que as meninas moraram. Três anos depois da partida delas aquela relação ainda era a sua morada. Passou mal e antes de ir deu ordens expressas **“se eu morrer, ninguém conta para a VaneZa. Deixa ela chegar aqui para contar.”** Ele sabia que a amiga viria. Na última conversa ela ficou de trazer um abraço, uma foto e um casaco. E trouxe, mas seu Milton havia partido. Vanessa chegou ao Rio e descobriu que ele havia deixado uma herança para ela e Paloma **“pediu pra deixar o carrinho de herança pra você”**.

O carrinho que era sua morada e abrigo, seu companheiro de noites e dias, seu baú dos tesouros e curadorias, tudo o que ele tinha ficara para sua amiga, sua família. Infelizmente a herança teria que ser vendida rapidamente para cobrir os custos ainda aberto do enterro do seu Milton, cerca de R\$600 reais. Mas a história se espalhou entre os amigos de Vanessa, o carrinho foi “comprado” e devolvido. Foi doado a pessoa que estava cuidando dele até entregar a herança. Mas a herança de seu Milton se multiplicou, o valor arrecadado na “venda” do carrinho superou as expectativas, deu cobrir as despesas e com a doação de um comerciante generoso que conhecia o **“oiiii”** um carrinho armazém foi comprado e doado para outra pessoa.

A herança de seu Milton é infinita. Foi se multiplicando em outras ações e corações. Porque foi mais, muito mais que um carrinho e já seria gigante porque era tudo de que material ele possuía. Mas era símbolo também do tesouro que não se nomeia. Foi uma herança de amor, acolhimento, entrega, doação, amizade, de vida. A amizade é essa coisa preciosa que se esconde nas esquinas da vida, que esconde tesouros em carrinhos e descortina que ninguém é desprovido a ponto de não ter amor para dar, que a simplicidade e pureza podem estar por trás de uma barba branca e cabelos e grisalhos, que um agasalho azul é remédio pro frio do coração, que quem se tem, tem sempre um lar. Sr. Milton era uma figura conhecida na redondeza, conhecido como **“oiiii”** muitos não viram, não perceberam a riqueza que um velhinho e um carrinho podiam abrigar. Sorte de quem conseguiu enxergar e pôde herdar o que dinheiro nenhum pode comprar.



**“Vaneza, você é minha família.
Quando o médico me perguntou se
eu tinha família eu disse que tinha
você, o amor da minha vida.”**

Sr. Milton

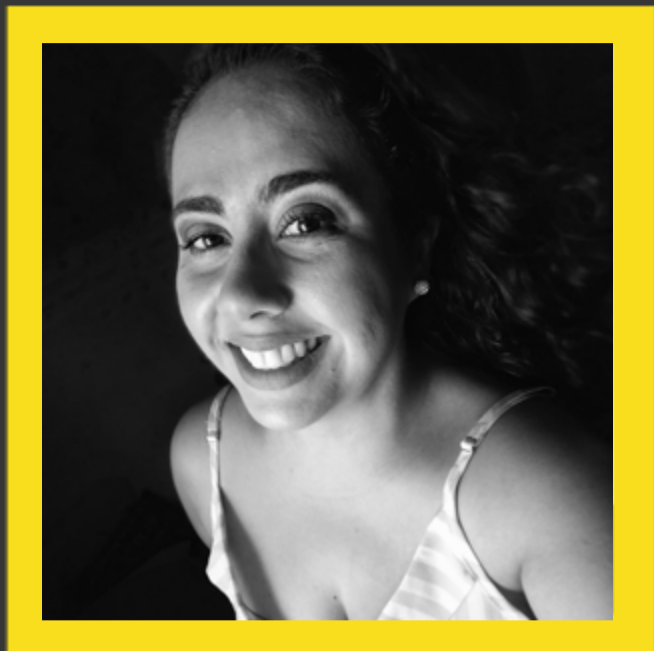
DEBAIXO DO SOL



Gostaria de saber sobre os bastidores da produção desse e-book?

Acesse o site do e-book através do QRCode e escuta a trilha sonora de escrita, descubra os processo jornalístico por trás do e-book e leia outras crônicas.





Carolina Neris

Sempre fui apaixonada pelas palavras e boas histórias. Ainda criança trocava qualquer brincadeira por um bom livro. Cresci, me formei em letras, fui professora por quase 10 anos e depois de idas e vindas decidi migrar para o jornalismo. Essa mudança foi por conta da minha sede de explorar, de continuar aprendendo, poder voz a outras pessoas e contar muito mais histórias.

“Debaixo do sol” nasceu da junção dessas paixões, foi o meu último trabalho na graduação de jornalismo e o primeiro passo da vida profissional.

